



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GEICIANE BEZERRA GUEDES

**MEMÓRIAS DO BURITI QUE ALVORECEU: Formação da cidade de
Ipiranga do Piauí, cotidiano e sociabilidades (décadas de 1960 a 1980).**

PICOS, PI.

2016

GEICIANE BEZERRA GUEDES

MEMÓRIAS DO BURITI QUE ALVORECEU: Formação da cidade de Ipiranga do Piauí, cotidiano e sociabilidades (décadas de 1960 a 1980).

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.
Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

PICOS, PI.

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

G924m Guedes, Geiciane Bezerra

Memórias do Buriti que alvoreceu: formação da cidade de Ipiranga do Piauí, cotidiano e sociabilidades (décadas de 1960 a 1980) / Geiciane Bezerra Guedes. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (81f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) –
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador: Prof. Me. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

1. Ipiranga do Piauí-História. 2. Ipiranga do Piauí-Sociabilidade. 3. Ipiranga do Piauí-Memória. I. Título.

CDD 981.22

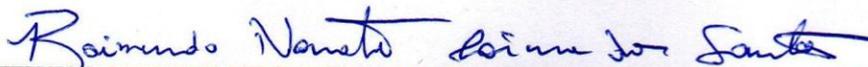
GEICIANE BEZERRA GUEDES

MEMÓRIAS DO BURITI QUE ALVORECEU: Formação da cidade de Ipiranga do Piauí, cotidiano e sociabilidades (décadas de 1960 a 1980).

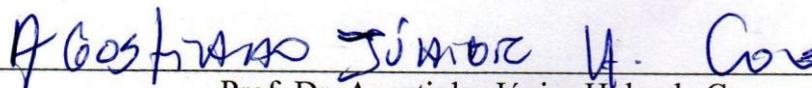
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.
Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Aprovada em: 02/03 / 2016

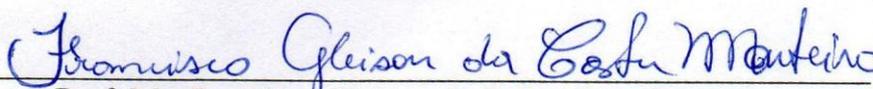
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos – Orientador
Universidade Federal do Piauí – UFPI



Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Interno



Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro
Universidade Federal do Piauí – UFPI
Examinador Interno

PICOS, PI.

2016

À Eliana e Josimar,
por amá-los profundamente!

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa reconhecer o quanto precisamos dos que nos rodeiam; admitir que ninguém se faz sozinho.

Agradeço a DEUS, meu grande mentor e consumidor de minha fé por todas as graças, luz e harmonia dispostas no meu caminho, mesmo quando eu não entendia os teus propósitos.

Agradeço de forma especial e com o maior amor que a condição humana nos permite sentir aos meus pais Josimar e Eliana, pois sei que mesmo em meio a tantas dificuldades e em meio a tantos olhares que sempre me cercaram, quatro olhos serenos se destacam e se dirigem a mim. A vocês Pai e Mãe o mais sincero obrigado por todo amor, pela doação integral e desmedida, pelo exemplo de vida, pela coragem imensurável e pela força que nos sustenta. Amo muito vocês!

Aos meus irmãos Jocivan e Joyce, não apenas agradeço, mas também compartilho esse momento importante de minha vida acadêmica! Obrigada pela presença constante, pelo incentivo, companheirismo, amizade e confiança, amo vocês seus pirralhos!

Aos meus avós Jaci, Maria e Miguel e bisavós Sebastiana e Antônio Louro, por me mostrarem na simplicidade e doação à sua família, o mais puro e verdadeiro sinônimo de dedicação e amor ao próximo. E, por serem para mim um exemplo que admirarei e amarei a vida inteira.

A Emanuel, por ser uma raio de luz, de esperança e de felicidade plena em minha vida! Madrinha ama muito!

A Anderson, por fazer parte de minha História, pelo amor, paciência, incentivo e por acreditar e me convencer que seria capaz, amo você!

Ao Professor e orientador Raimundo Nonato Lima dos Santos, por mais uma parceria de produção, por aceitar me orientar (mesmo à distância), pelas preciosas observações ao longo deste trabalho, pelo aprendizado proporcionado a mim e principalmente pela paciência nos momentos críticos. Foi uma honra!

Aos professores examinadores Agostinho Coe e Gleison Monteiro, professores que tive a honra de compartilhar de seus ensinamentos durante a graduação e agora por contribuir participando da Banca Examinadora.

Agradeço imensamente a CAPES pelo apoio imprescindível durante toda minha graduação, não apenas pela concessão de bolsa no sentido financeiro (que foi

certamente uma enorme ajuda), mas principalmente pela significativa colaboração no que se refere ao aprendizado e novas experiências que serão agora postas em prática. Que programas como estes que tive o privilégio de participar, PRAEC e PIBID, possam cada dia mais mudar para melhor a educação de nosso Brasil.

Aos meus parceiros de curso e para a vida, pela cumplicidade, alegrias, desafios e vitórias em conjunto.

De forma especial ao meu grupo das “pelejas”... Amanda Fernanda, Sibely Martins Silva, Neurivan de Brito Freire e Cássia Araújo. Vocês certamente contribuíram mais do que podem imaginar.

*“O relato não exprime uma prática.
Não se contenta em dizer um movimento.
Ele o faz.”
(Michel de Certeau)*

RESUMO

O trabalho analisa o cotidiano e as sociabilidades na cidade de Ipiranga do Piauí na década de 1980. A base teórica conta com as reflexões de Raquel Rolnik e Sandra Pesavento para o conceito de cidade e de Michel de Certeau para a concepção de cotidiano, entre outros. Faz uso de fontes orais e de documentos escritos (jornais, revistas, atas, registros das despesas da Prefeitura Municipal de Ipiranga). O estudo apontou as práticas cotidianas dos moradores desta urbe, desde sua formação e emancipação política, focando a abordagem nas sociabilidades desenvolvidas nos espaços públicos como clubes, bodegas, praças e na importância da Semana da Juventude para este aspecto. O cruzamento das fontes possibilitou traçar um panorama de parte daquilo que constitui a história de Ipiranga do Piauí na década de 1980.

Palavras-chave: Ipiranga do Piauí. Cidades. Cotidiano. Sociabilidades. História e Memória.

ABSTRACT

The work analyzes the daily life and the sociability in the city of Ipiranga do Piauí in the 1980s. The theoretical basis includes the reflections of Raquel Rolnik and Sandra Pesavento to the concept of city and Michel de Certeau to everyday design, etc. . Makes use of oral sources and written documents (newspapers, magazines, minutes, records of the expenses of the City of Ipiranga). The study pointed out the daily practices of the inhabitants of the metropolis, since its formation and political emancipation, focusing on the approach to sociability developed in public spaces such as clubs, bodegas, squares and the importance of Youth Week for this. The crossing of the sources made it possible to draw a part of panorama of what constitutes the history of Ipiranga do Piauí in the 1980s.

Keywords: Ipiranga do Piauí. Cities. Everyday. Sociability. History and Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa do município de Ipiranga	19
Figura 02: Família Chicão.	21
Figura 03: Ata de instalação do município de Ipiranga do Piauí	27
Figura 04: Vista panorâmica de Ipiranga do Piauí	31
Figura 05: Antiga faixada da Igreja Nossa Senhora da Conceição	32
Figura 06: Desfiles cívicos das escolas municipais	34
Figura 07: Recorte do Jornal da Manhã, Teresina, 1984	35
Figura 08: Praça Nossa Senhora da Conceição, c. de 1961	40
Figura 09: Praça Coronel Joaquim Rufino	43
Figura 10: Praça Nossa Senhora da Conceição por volta de 1984	44
Figura 11: Grupo de jovens na fonte luminosa da Praça	45
Figura 12: Casal de namorados na Praça Nossa Senhora da Conceição	47
Figura 13: Chegada da imagem de N. S. da Conceição	53
Figura 14: Casarão dos Lopes na localidade Forte	54
Figura 15: Capela construída no sítio Santa Cruz do Forte	55
Figura 16: Centro da cidade de Ipiranga em 1964,	56
Figura 17: Posse do 1º pároco de Ipiranga	56
Figura 18: Grupo de jovens participando de quermesse da Paróquia	57
Figura 19: Mercado Público de Ipiranga do Piauí 1951	59
Figura 20: Espaço interno do CRI (Clube Recreativo Ipiranguense).	64
Figura 21: Casal frequentador do CRI	65
Figura 22: Jornal de Picos de 1984 noticiando a I Semana Cultural da Juventude	67
Figura 23: Primeira barraca da I Semana da Juventude Ipiranguense	70
Figura 24: Comemorações III Semana da Juventude 1986	72
Figura 25: Convites da Semana da Juventude Ipiranguense	74
Figura 26: Jornal noticiando a abertura da VI Semana da Juventude	76
Figura 27: Jornal noticiando a abertura da VI Semana da Juventude	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: A FORMAÇÃO DA CIDADE DE IPIRANGA DO PIAUÍ: Do surgimento do povoado Buriti à formação da urbe de Ipiranga do Piauí	19
1.1 Emancipação Política	23
1.2 Processo de urbanização	30
1.3 O cotidiano de ontem.....	33
Capítulo II: MEMÓRIAS DO BURITI QUE ALVORECEU: Cotidiano e sociabilidades na cidade de Ipiranga do Piauí na década de 1980.....	38
2.1 As praças: entre o passeio e a memória das lembranças	77
2.2 Em um chão de fé se alicerça Ipiranga: as missas e os festejos católicos	78
2.3 O mercado: as feiras e suas memórias.....	39
2.4 Clubes, Budegas e Tertúlias: os encontros dançantes dos anos 1980	48
2.5. Semana da Juventude: a cultura épica de se divertir!	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	66

INTRODUÇÃO

Estudar a cidade e suas vivências diárias tem sido um campo de pesquisa bastante desenvolvido, por vários historiadores¹, na atualidade. A realização deste trabalho primeiro surgiu pela vontade de analisar algo que está presente na nossa vivência pessoal, ou seja, o lugar onde vivemos. Esse lugar é uma cidade do centro sul piauiense, que vivenciou nosso crescimento, onde nascemos, fizemos amizades, socializamos conhecimentos. É nesse lugar onde almejamos crescer intelectualmente, por meio da análise do seu desenvolvimento econômico, social e cultural.

A escolha da temática surgiu, portanto, com o intuito de realizar uma produção histórica sobre o “viver urbano” na cidade de Ipiranga do Piauí. Esse interesse sobre o tema *história e cidades* (particularmente as piauienses), foi ascendido e proporcionado no decorrer da graduação em História no estudo da disciplina *Cidades e História* ministrada pelo Professor Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos. No decorrer dessa disciplina, passamos a notar o quanto é importante recuar ao passado, percorrer seus caminhos como se faz com as ruas de uma cidade, como a carroça faz pelas estradas estreitas. Ouvir a voz urbana, como se ouve as conversas travadas nas calçadas ou as canções das budegas, ou mesmo o som ritmado do carro de boi nos engenhos de cana-de-açúcar. E, assim, por meio da memória e dos documentos escritos e imagéticos, se transportar a um tempo e um lugar que não vivemos materialmente, mas habitamos no imaginário.

Esse imaginário urbano nos faz lembrar as reflexões de Sandra Jatahy Pesavento (2007, p. 6) quando nos diz que “a cidade se dar a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também, se dar a ler, pela

¹ Entre os vários historiadores que dedicaram estudos sobre o campo temático de *história e cidades*, destacamos: ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 53 de Junho de 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 24 jan. 2014. NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

possibilidade de enxergar nela o passado de outras cidades contidas na cidade do presente”.

Abordamos neste trabalho o cotidiano urbano e as sociabilidades na cidade de Ipiranga do Piauí, nas décadas de 1960 a 1980, analisando algumas das práticas e simbolismos do viver citadino em meio às transformações no decorrer da constituição de seu espaço urbano. Para isto, realizamos uma contextualização histórica da formação do povoado Buriti (que depois passou a ser chamado de Ipiranga, mas, ainda sendo povoado) para finalmente ser elevado à categoria de cidade emancipada (1962) com a denominação de Ipiranga do Piauí, relacionando as transformações sociais e arquitetônicas ocorridas no decorrer desse tempo, relacionando os sujeitos históricos que constituíram, questionaram e formaram a cidade e a sua relação com o lazer, como as festividades religiosas, a Semana Cultural da Juventude e o passeio público pelas ruas e praças.

Nesse sentido, consideramos a cidade, entre outras possibilidades, como um local prazeroso, moderno, desenvolvido e “civilizado” – “no seu sentido evolucionista, que carrega em si a noção de futuro, de mudança, em oposição a passado e a permanência” (QUEIROZ, 2006, p. 52). Seguindo esse pensamento discutimos as sociabilidades ipiranguenses juntamente com o ideário de “progresso” do então povoado Buriti, que alvoreceu na década de 1980. Isto é, os primeiros povoadores da cidade de Ipiranga do Piauí deram o nome de Buriti, ao povoado que formaram, devido aos muitos buritizais presente em seus brejos.

Por entendermos que as cidades nesse período vivenciaram significativas mudanças quanto ao processo de modernização nas áreas das telecomunicações com o advento da televisão, computadores, internet, telefone móvel que acaba por introduzir novos instrumentos e estilos musicais à cultura nacional a partir da década de 1960. Le Goff afirma que “a consciência da modernidade, nasce precisamente do sentimento de ruptura com o passado e a define como cultura da vida cotidiana e uma cultura de massas que impõe à relação real-imaginário” (LE GOFF, 1998, p. 2002).

Nesse cenário de mudanças, algumas permanências foram identificadas em nossa pesquisa, como o lazer citadino praticado nas praças. Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2007), as praças aparecem intimamente ligadas à vida cotidiana, através dos encontros nestes espaços de sociabilidades coletivas. Esses logradouros são elementos que precisam ser considerados como lugar histórico e simbólico da cidade. Dessa forma,

Pesavento materializa a cidade e suas formas urbanas como elemento idealizado e criado pelo próprio homem sendo reconhecida de forma bastante distinta do ambiente rural. Ou seja, enquanto o ambiente rural é uma ação natural a cidade, segundo a visão de Pesavento, é a ação do homem sobre a natureza.

A cidade é, nesse sentido, um *outro* da natureza: é algo criado pelo homem, como uma sua obra ou artefato. Aliás, é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa. Pela materialidade visível, reconhecemos, imediatamente, estar em presença do fenômeno urbano, visualizado de forma bem distinta da realidade rural. (PESAVENTO, 2007, p. 4).

Neste sentido, concordamos com Pesavento, quando a mesma afirma que a cidade constitui-se como sinônimo de sociabilidade e sensibilidade. Sendo que as “Cidades são, antes de tudo, *cronotopos*” (PESAVENTO, 2007, p. 6), pois além de comportar os sujeitos históricos, personagens, grupos, classes, enfim as relações sociais, as cidades são sinônimos de agrupamento populacional impregnado de vidas. Elas constituem-se como um habitar humano, obra coletiva e totalmente impensável no individual, mesmo quando a representação está ligada a temas caricatos que se materializam em cidades fantasmas onde, por algum motivo, desastroso ou não, a população se afastou, ainda permanecem as marcas, as impressões daqueles que antes habitaram-na, conferindo-se assim como um *ethos* atribuindo-lhe significados e valores que o constituem como urbano (PESAVENTO, 2007). Portanto, a cidade nos é mostrada como objeto da produção de imagens e discursos que se constituem no lugar da materialidade e do social e os representam, para desse modo, a cidade se revelar através das percepções, emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano*. Deste modo, a cidade se constitui como um ímã, como afirma Raquel Rolnik (2004).

A cidade constitui não mais apenas um conjunto formado por homens, mulheres, casas, prédios, automóveis, mas, uma infinidade de elementos indispensáveis à vida das sociedades modernas, desempenhando a função de atrair e concentrar pessoas que passam a dividir determinados lugares ou espaços.

Além disso, a cidade também é formada pela coletividade, até mesmo em meio a correria diária imposta pelo ritmo acelerado das cidades atuais onde a tecnologia passa a colaborar para o afastamento dos indivíduos.

Vale ressaltar também que o processo de urbanização e modernização das cidades piauienses tem relevância significativa na inserção do estado no cenário nacional, por que vivemos em um país em desenvolvimento, que tende a seguir o ritmo do processo de globalização que permeia as sociedades, seja em nível estadual ou nacional.

Além do mais é a partir da segunda metade do século XX e início do século XXI que o mundo está vivenciando outra fase nos avanços tecnológicos com muito dinamismo, principalmente nas telecomunicações decorrente da dinâmica do capitalismo, presenciado tanto nos grandes como pequenos centros urbanos, mesmo que em menor proporção. Contudo, o espaço citadino já não permite aos seus usuários o isolamento, pois, concordando com Raquel Rolnik, consideramos que “na cidade nunca se está só, mesmo que o próximo ser humano esteja para além da parede do apartamento vizinho ou num veículo no trânsito. O homem só no apartamento ou o indivíduo dentro do automóvel é um fragmento de um conjunto, parte de um coletivo” (ROLNIK, 2004, p. 19).

Sendo assim, a pesquisa sobre o viver urbano da cidade de Ipiranga do Piauí – observando por meio das fontes as diversas formas de sociabilidade de seus cidadãos – vincula-se ao conceito de *cotidiano*, formulado por Michel de Certeau, em sua obra “A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar”, onde o autor o define como:

Todo dia pela manhã aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. (CERTEAU, 1996, p. 31).

Portanto, o eixo central dessa pesquisa foi a análise das práticas cotidianas dos moradores da cidade de Ipiranga do Piauí, no tempo e espaço das décadas de 1960 a 1980. Entretanto, convém ressaltar que a pesquisa não se restringiu às referidas décadas (1960 – 1980), tendo em vista a necessidade, para uma melhor compreensão, fazer um recuo às “origens” do povoado, onde encontramos algumas divergências, levando em conta que algumas das fontes que analisamos no decorrer da pesquisa apontam o século XVIII como sendo o período inicial do povoamento do que viria a ser Ipiranga do Piauí.

Contudo, no decorrer da pesquisa outras fontes citaram o início do século XX para este acontecimento, mais precisamente o ano de 1902. Desse modo, é importante ressaltarmos que a versão que alguns depoentes relataram – destacando a década de

1900 –, está se referindo na verdade à questão da mudança do topônimo de Buriti para Ipiranga, e não ao povoamento propriamente falando.

O desenvolvimento da pesquisa teve o intuito de apresentar as características urbanísticas da cidade de Ipiranga nas décadas de 1960 a 1980, as relações desenvolvidas entre os moradores, no comércio, nos espaços de sociabilidade, bem como analisar como os moradores se apropriavam destes espaços.

Este trabalho teve como suporte teórico, vários estudiosos sobre o tema de “cidades”. Esses estudiosos se propuseram a compreender historicamente a constituição desse espaço, isto é, como as cidades se formaram e como os habitantes se adaptaram a tal espaço, bem como sua utilização e as várias formas de convivência proporcionadas pelos mesmos. Assim sendo, a autora Raquel Rolnik ao fazer seus estudos sobre o que é cidade propõe que esta surge com o advento da sedentarização, especificado a seguir:

Ela nasceu com o processo de sedentarização e o seu aparecimento delimita uma nova relação homem/natureza: para se fixar em um ponto para plantar é preciso garantir o domínio permanente do território [...] a cidade é antes de mais nada um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia [...] (ROLNIK, 2004, p. 8).

Portanto, como Rolnik evidencia acima, somos indivíduos sociáveis capazes de transformar o mundo a nossa volta, criando novas formas ou outros mecanismos de sobrevivência. Portanto, a cidade é esse “ímã” que “atrai”, seduz e fascina as pessoas. Nesse sentido, “[...] o orgulho urbano é feito da imbricação entre a cidade real e a cidade imaginada, sonhada por seus habitantes e por aqueles que a trazem à luz, detentores de poder e artistas” (LE GOFF, 1998, p. 119). Para Choay (2005, p. 308), “a cada instante a cidade compreende mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode escutar - disposições e perspectivas que esperam ser exploradas. [...] a cidade é vista sob todas as luzes e em todos os tempos”.

Acreditamos que a cidade é o lugar onde às pessoas trocam experiências e vivenciam o “novo”, que muitas vezes encontra resistência por contrapor-se ao “velho”, pois os sujeitos sociais já se adaptaram ao “velho” e temem que o novo, que “o moderno” não satisfaça seus anseios ou que venha a dissociar seus valores sociais. Entretanto, “o moderno” possibilitou aos indivíduos viver de forma digna e mais cômoda. Desse modo, acreditamos que a cidade também é memória, e que muitas de nossas lembranças estão grudadas nas pedras da cidade, representadas na igreja, na

escola, no clube, na esquina, no campo de futebol, na praça, no lugar de trabalho e também no odor que nos atinge cotidianamente.

Em complemento, Francisco Alcides do Nascimento relata que “a cidade se constrói e se destrói constantemente”. (2009, p. 308), e que deve ser um local prazeroso, sociável, civilizado, moderno e desenvolvido, “local da materialidade resultante das relações coletivas e sociais dos indivíduos”. (PESAVENTO, 2003, p. 11-12). Porém, ao propor a formação de uma sociedade, agora civilizada, pressupõe que todos os indivíduos terão a mesma condição adaptativa e viverão nos moldes que se pretende ter para a nova sociedade arraigada na capitalização das relações sociais aí presentes.

A urbe pode ser também compreendida como local público que integra diversos grupos sociais entre si, com características diferenciadas e que, o ideário de progresso conseqüentemente, determina e seleciona os indivíduos que irão povoar as polis e em particular os centros urbanos sob a égide do desenvolvimento e das transformações projetadas na constituição desse espaço.

Uma sociedade urbana e “civilizada” é diversa de uma sociedade rural por que esta será regida por regras e normas sociais que propiciam o desenvolvimento do espaço urbano. Além do mais para Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (2006, p. 28) “o *modus vivendi* da população da cidade é alterado por meio desses processos e pela imposição de regulamento sobre o território e a população como um todo”.

A metodologia que utilizamos nesta pesquisa foi a História Oral, que segundo Sônia Freitas (2006) é o método mais adequado para abordar uma “narrativa da experiência humana”, onde por meio de recursos eletrônicos a história oral se torna fonte e técnica na produção de conhecimentos. De acréscimo, a “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2006, p. 18). Portanto, para ela é completamente possível e recomendado a coleta e o cruzamento de informações incididas de outros métodos, que não as entrevistas, como complemento das informações para a montagem da narrativa do recorte em questão. Visto que, é no entrecruzar das fontes que nascem as produções ímpares.

A pesquisa foi realizada inicialmente através da análise de referências bibliográficas, revistas, fotografias, Código de Postura do Município de Ipiranga do Piauí e publicação de memorialistas. Em seguida coletamos informações sobre o

período por meio de um questionário distribuído aos sujeitos sociais em estudos. E, por fim, ouvimos e analisamos os depoimentos dos personagens envolvidos.

O nosso trabalho foi dividido em dois capítulos. O primeiro – **“A formação da cidade de Ipiranga do Piauí: do surgimento do povoado Buriti à formação da urbe de Ipiranga do Piauí”** – trata do surgimento do povoado Buriti, relatando como foi o processo de ocupação, fixação e fundação/emancipação política. A pesquisa foi realizada através de estudos documentais, coleta de imagens e entrevista com os moradores mais antigos, descendentes dos primeiros habitantes da cidade.

No segundo capítulo – **“Memórias do Buriti que alvoreceu: Formação da cidade de Ipiranga do Piauí, cotidiano e sociabilidades (décadas de 1960 a 1980)”** – apresentamos a análise dos dados coletados por meio dos depoimentos, buscando por meio da memória, através de pesquisa na linha da história oral, mostrar as evidências do lazer em Ipiranga do Piauí, enquanto lugar de transformação social, econômica e cultural. Abordamos a utilização por parte dos cidadãos dos espaços públicos e privados da cidade que a constituem como local de sociabilidades coletivas e o dinamismo de suas atividades econômicas, sociais e culturais, relacionando as principais formas de diversão da época, bem como os locais preferidos da juventude. E, por fim, o surgimento do maior festejo, e elemento de destaque no Estado do Piauí, que é a Semana Cultural da Juventude Ipiranguense, por ser um entretenimento “novo” e “moderno” que juntamente com as diversões populares e tradicionais, tais como festividades religiosas, cívicas, prendas, cantoria e serestas têm a pretensão de diversificar as formas de integração da juventude ipiranguense e dos munícipes como um todo.

Capítulo I

A FORMAÇÃO DA CIDADE DE IPIRANGA DO PIAUÍ: Do surgimento do povoado Buriti à formação da urbe de Ipiranga do Piauí

A cidade de Ipiranga do Piauí² surgiu a partir dos primeiros currais que foram instalados na região do frade, riacho subafluente do Rio Canindé. Segundo a autora Letícia Mendes Leal (2013) a sua formação remonta ao século XVIII e está fortemente relacionada ao exercício do comércio de trocas, realizado na época em Oeiras (nesse período ainda era a capital do Piauí).



Figura 01: Mapa do município de Ipiranga.

Fonte: www.piaui_unicip_ipirangadopiaui. Acesso em 08 fev. 2016.

Em uma pesquisa prévia³ sobre a formação da cidade de Ipiranga do Piauí, percebemos que o principal motivo da atração e permanência no então povoado Buriti, era a corrida para adquirir o “ouro popular” (borracha da maniçoba), que se tornou a

² A cidade de Ipiranga possui uma população, segundo o censo 2010 do IBGE de 9.327 habitantes, sua área compreende 528 Km², sua latitude equivale a 6.82° e longitude 41.74°. Limita-se ao Norte com a cidade de Inhuma, ao Sul com Dom Expedito Lopes e São João da Varjota, ao Leste com São José do Piauí e Santana do Piauí e Oeste com Oeiras; o clima que predomina é o tropical semiárido quente, com duração do período seco de sete a oito meses, as temperaturas médias variam entre 25°C A 34°C; os recursos hídricos são o Rio São Vicente, riachos do Frade e Corrente; a vegetação é composta por campo cerrado, cerradão e caatinga arbustiva; tipos de solo predominante na região é o latossolos vermelho-amarelo distróficos associados a areias quartzosas distróficas e solos litólicos (IBGE, 2010).

³ Confira o artigo de nossa autoria “De Buriti a Ipiranga: cotidiano e sociabilidades na cidade de Ipiranga do Piauí (década de 1980)” publicado no livro “As Cidades de Clio: Abordagens históricas sobre o urbano”, organizado por Raimundo Nonato Lima dos Santos (2014).

principal fonte de renda de famílias inteiras e veio a se constituir como uma das fontes de renda e atividade econômica do país.

Segundo a autora Letícia Mendes Leal (2013) a hegemonia da borracha se alastrava desde as vastas matas do centro sul aos sertões de dentro de áreas remotas. A extração do látex, portanto, era facilmente exercida na região, tendo em vista a permanência de enormes quantidades desse tipo de vegetação nas chapadas e arredores do município (NASCIMENTO, 2002).

Com o avançar dos anos, e junto com eles a modernização dos espaços urbanos e o acelerado avanço da tecnologia, tanto no cenário local, quanto nas atividades de renda e subsistência foram se modernizando também. Hoje pouco se percebe as marcas e os rastros do que era este lugar. E, essa ínfima percepção se dá por meio das histórias narradas pelos que chegaram ainda no calor da corrida pelo comércio da borracha, e na esperança dos que viam nesse novo habitat uma terra molhada na medida ideal para firmar morada e sustento através da produção de rapadura, farinha, goma e outros gêneros alimentícios. Sendo que esses produtos eram transportados com grandes dificuldades e perigos no lombo de animais até a primeira capital, para serem vendidos ou trocados por pedra de sal, animais e outros mantimentos.

As atividades comerciais, além de beneficiar o extrativismo do látex da maniçoba e cera de carnaúba, que eram as principais encontradas na região, também deram lugar ao cultivo da mandioca e cana-de-açúcar, tendo em vista que a região tem uma formação excelente para tais cultivos. Devido a tantos atrativos o povoamento de Buriti se deu rapidamente, logo surgiram as grandes propriedades de roças e se iniciou a formação de ruas e bairros (SOARES, 2009). Por conta dos nichos de mercado estarem estabelecidos em Oeiras e Valença, muitos dos habitantes se estabeleceram em Buriti já com visões definidas, ou porque já eram do ramo e estavam em busca de facilitar e obter maiores lucros, ou porque viram a oportunidade de ascensão junto com a região. O povoado rapidamente foi ocupado por famílias inteiras.



Figura 02: Família Chicão. Cerca de 1902, época em que a família se estabeleceu no povoado Buriti.
Fonte: Acervo Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

A imagem acima registra a família Chicão que atraída pela extração da borracha de maniçoba, como muitas outras, passou a residir no povoado Buriti. Podemos observar a formação numerosa das famílias, que era uma característica da época e se manteve no local. Os relatos de alguns entrevistados descrevem a grandiosidade das moradias que ergueram na região, as primeiras casas que surgiram em sua maioria eram inspiradas nos modelos imperiais, com enormes cômodos e muitos armadores de rede, certamente para acomodar o grande número de filhos. Outra característica encontrada era o posicionamento indicando a condição de cada membro da família: o homem como chefe de família ao meio junto com sua esposa, os homens mais velhos de pé, por detrás, seguidos pelas mulheres e finalmente as crianças.

A memória coletiva dos ipiranguenses nos mostra que o desenvolvimento urbano do espaço citadino se deu quase que inteiramente por conta das atividades de comércio. Porém, outro fato que certamente contribuiu consideravelmente para a ocupação do território denominado Buriti foi a sua localização. Este povoado se encontrava em uma área de transição comercial, entre várias cidades piauienses e outras de estados circunvizinhos, ligados por meio de estradas que davam acesso até a primeira capital, Oeiras. Os transeuntes desses caminhos comercializavam mercadorias e

produtos agrícolas. E, para desenvolver essa atividade comercial, passavam pela área central da futura sede municipal de Ipiranga do Piauí.

O transporte de cargas destinadas à venda ou trocas era feito em animais pelos caixeiros viajantes. Os principais artigos de comércio eram a rapadura, goma e farinha. Geralmente, os comerciantes que trafegavam pela região costumavam viajar em bandos para se protegerem de eventuais ataques às cargas, ou até mesmo, segundo as histórias populares, para se protegerem dos perigos sobrenaturais que rondavam alguns trechos do caminho a ser percorrido, e também por conta dos caminhos serem muito confusos.

É importante abirmos um parêntese para a questão da dualidade no que se refere ao período de povoamento da região, onde encontramos dois caminhos distintos que teremos contato durante toda esta produção; um relata que o povoamento teria iniciado em fins do século XVIII, enquanto outro remete este fato ao final do século XIX.

Segundo os relatos na obra de João Borges Caminha (2009) “*Um exemplo às novas gerações*”, o povoamento da região que hoje corresponde a Ipiranga do Piauí teve início por volta do ano de 1780, e este processo primeiro se deu do interior, tendo em vista que os relatos se remetem a um dos povoados localizado no entorno do município.

Por volta do ano de 1780, tropeiros (indivíduos que compravam e vendiam tropas de gado) provenientes do município de Valença do Piauí se dirigiam a Oeiras para vender gêneros diversos, e acampavam, tanto na ida quanto na vinda, às margens de uma pequena vertente que cortava os brejos localizados na bacia do Rio Corrente, nascente do riacho Engano, a 60 quilômetros de Oeiras. Segundo os relatos, este lugar passou a se chamar “Furta-lhe a Volta” (NASCIMENTO, 2002).

Foram a partir dessas viagens que se iniciou a formação populacional dos povoados da futura cidade de Ipiranga do Piauí, principalmente da localidade conhecida como “Furta-lhe a Volta”. Segundo os nossos depoentes, o referido povoado recebeu este nome por conta das comitivas de caixeiros que passavam pelo local em direção a Oeiras. Essa memória coletiva aponta o fato de que “sempre” que passava uma comitiva de caixeiros, eles costumavam relatar que aquele local cortava uma enorme volta que eles tinham que percorrer até chegarem a Oeiras, daí o nome “furta”, porque o local furtava a volta, ou seja, encurtava o caminho.

Além do povoado “Furta-lhe a Volta”, o povoado Buriti conta com vários outros aglomerados populacionais rurais que se formaram ao redor de seu território (fazendas/datas). A formação destes se deve justamente as atividades de pecuária e agricultura desenvolvidas no povoado, bem como o solo fértil e produtivo que passou a atrair grande número de habitantes para estas áreas remotas.

Apesar do intenso fluxo de viajantes ainda no século XVIII pelo povoado Buriti, a sedentarização/fixação das famílias no território, segundo nos informa a *Revista Ipiranga*, já se intensificara no século XIX. O nome de Buriti foi colocado pelos habitantes do local devido a grande quantidade de buritizeiros existentes nos seus brejos e por todos os arredores da região. Conforme dados da *Revista Ipiranga*. Nesse período o município era parte integrante da jurisdição e da comarca de Oeiras (REVISTA IPIRANGA, 2002). Segundo relata a *Revista Ipiranga*, e outros periódicos como *Revista Origem*, e a revista *40 Anos da Paróquia*, consultados durante a pesquisa, o município teve como seus primeiros habitantes os irmãos André e Geremias Bulcão. O povoado de Buriti floresceu ao signo da religiosidade, se formando ao redor de uma capela, do mesmo modo que surgiu a maioria das cidades interioranas criadas pelos descendentes de italianos que se estabeleceram anteriormente nas regiões litorâneas dos estados de Ceará e Pernambuco, vindo a migrar logo mais para os sertões de dentro dos territórios piauienses.

Segundo João Borges Caminha (2009), onde se fixou o centro de Ipiranga, antes abrigava uma fazenda conhecida como “Data Fradinho”, dentro dessa propriedade formou-se outra fazenda chamada de “Data Furta-lhe a Volta” que posteriormente deu origem as localidades rurais de Furta-lhe a Volta, Brejo da Fortaleza, Caatinga Grande, Cabeceiras, Chapada, Currallinho, Cocos, Contador, Corrente, Macaúba, Malhada, e a comunidade Curral do Meio que era formado pelas datas ou fazendas de Areal, Mina, Jardim, Tapera do Machado e Mina Velho.

1.1 Emancipação Política

A denominação do povoado Buriti com o nome de Ipiranga do Piauí, segundo a *Revista Ipiranga*, (lembrando que existem duas versões sobre o povoamento de Ipiranga do Piauí), já remete a meados do século XX. Contudo, sabemos que sua formação em

termos de local habitado se referencia a fins do século XIX, e, como local de encontro e travessia de caixeiros viajantes no século XIII.

O povoado Buriti pertencia à cidade de Oeiras, sendo que em meados do século XX desenvolveu-se um sentimento de independência, por parte dos moradores desta localidade. Ou seja, alguns moradores, especialmente os mais abastados e que desenvolviam atividades políticas no Legislativo de Oeiras, lideraram um movimento de emancipação política para este povoado. Segundo a autora Letícia Mendes Leal (2013), provavelmente, a demarcação do território que compreenderia a futura cidade de Ipiranga do Piauí, tenha sido um grande empecilho para a aprovação do projeto que autorizaria a instalação do município. Neste sentido a autora relata que:

Segundo os registros do Livro de Ata da Câmara de Oeiras, na sessão do dia 18 de junho de 1957, fora aberto espaço para o vereador que tivesse algo a pronunciar. De acordo com as informações contidas na ata citada, Joel Borges pediu a permanência do projeto número trezentos e vinte, na secretária da câmara, a fim de que estudassem com mais demora o assunto de que tratava o referido projeto. (LEAL, 2013, p. 51).

Conforme Letícia Mendes Leal (2013), os moradores do povoado Buriti passaram a organizar um comitê para trabalhar em prol de sua emancipação política, com base na argumentação de que Oeiras não mais supria os seus desejos e sonhos. Embora a proposta tenha sido bem aceita, a primeira vista, pelo legislativo de Oeiras, a instalação de fato ainda esperaria por mais três anos.

Segundo a análise feita por Letícia Mendes Leal – que buscou amparo nas atas da Câmara Municipal de Oeiras – na primeira investida que aconteceu no dia 17 de dezembro de 1956, pelo então vereador Joel Borges (acompanhado por uma delegação de moradores influentes do povoado Buriti), foi apresentado formalmente à Câmara Municipal de Oeiras, o pedido de “independência” (emancipação) do povoado Buriti. Os motivos pelos quais a Câmara Municipal de Oeiras argumentou, para justificar a demora em atender esse pedido, teriam sido pelo fato de que o povoado Buriti ainda não possuía os requisitos básicos que a Lei (Constituição Estadual do Estado do Piauí de 1947) exigia. Ou seja,

O dispositivo do item I, do Art. 12 da Constituição Estadual de 1947 exigem dos povoados que almejam sua autonomia político-administrativa, entre outras condições: população mínima de oito mil habitantes, renda mínima anual de vinte mil cruzeiros e patrimônio com área de quatrocentos hectares. (MORAES apud LEAL, 2013, p. 49).

O projeto de criação do município de Ipiranga do Piauí não foi aprovado na primeira tentativa, porque não atendia as exigências da Constituição Estadual do Estado do Piauí de 1947 e também devido à falta de consenso e, posteriormente, à falta de interesse de alguns políticos por este assunto. Segundo as Atas da Câmara Municipal de Oeiras, eram Vereadores em 1956: Doutor Raimundo Barroso de Carvalho, Clementino Martins, Francisco Portela Barbosa, Flávio Barbosa Siqueira, entre outros (LEAL, 2013).

O fato é que do período da produção do projeto de emancipação política do povoado Buriti, da criação do comitê que lutou a favor da mesma e até a emancipação de fato, tramitaram ainda três anos (1956 – 1959). Sobre esta demora, podemos considerar (com base nos estudos de Letícia Leal e na análise das Atas da Câmara Municipal de Oeiras) que o longo prazo para se emancipar o povoado Buriti poderia ter sido por causa da sua extensão territorial que constava nas divisões das datas. Ou seja, muitos políticos perderiam suas tradicionais áreas de influência. Isto porque, como fora relatado por Leal (2013), a justificativa de que seria pela falta de infraestrutura, população, renda e patrimônio (como propôs o Art. 12 da Constituição Estadual acima) não poderia ser considerado, uma vez que outras cidades como Santa Cruz, São Francisco e São José do Peixe, também não atendiam aos requisitos básicos exigidos pela Constituição Estadual de 1947, e, mesmo assim, conseguiram se emancipar sem maiores demoras (LEAL, 2013).

Sobre esta divisão Caminha (2009) nos situa que todo o território que compreende a atual cidade de Ipiranga do Piauí englobaria toda a extensão das datas Cural do Meio, Fradinho e Furta-lhe a Volta, Buriti Grande e Cabeço. Para termos uma ideia da dimensão do território de que estamos tratando, os limites das datas que corresponderiam a Ipiranga do Piauí, faziam limites com a cidade de Dom Expedito Lopes ao Sul e a Oeste com São João da Varjota. Portanto, a expressiva extensão territorial que Oeiras deixaria de administrar pode ter sido fator dificultador da emancipação imediata do povoado Buriti.

O vereador Joel Borges passou a insistir pela emancipação nas sessões da Câmara Municipal de Oeiras, sendo contrariado por unanimidade pelos vereadores do município, que mantinham interesse nos territórios. No dia 15 de janeiro de 1959, Joel Borges retornou à Câmara de Oeiras, acompanhado do comitê. Neste dia foi entregue ao poder legislativo dois abaixo assinados dos moradores das localidades de Côcos,

Tamanduás, Furta-lhe a Volta e Fazenda Buriti Grande, reforçando o pedido para a emancipação da futura cidade de Ipiranga do Piauí (LEAL, 2013).

Na mesma sessão da Câmara Municipal de Oeiras, o senhor Joel Borges teria relatado as ações dos políticos do povoado Cabeço (futura cidade de Dom Expedito Lopes) que pretendiam elevar a localidade à categoria de cidade, e viram na possível emancipação de Ipiranga do Piauí um empecilho a este plano. Para que se pudesse chegar a um consenso, a Câmara Municipal de Oeiras aprovou uma emenda que visava conciliar aqueles interesses divergentes. Ou seja, de um lado o vereador Joel Borges e o comitê de Ipiranga do Piauí não cediam a negação do pedido de emancipação, e do outro os políticos beneficiados com as localidades de Cabeço e Buriti Grande também não pretendiam aceitar a inclusão das localidades no município de Ipiranga do Piauí. Desse modo, afirma Leal que

[...] após ser aprovada a emenda que excluía o território da Fazenda Cabeço e Buriti-Grande, conseguiu-se obter êxito a aprovação do projeto que pleiteava a criação do município Ipiranga, ficando claro e evidente que o grande empecilho foram os interesses políticos que se tinha para a comunidade Cabeço e Buriti- Grande. (LEAL, 2013. p. 54).

Contudo, mesmo após a aprovação da emancipação política do povoado Buriti, com a denominação de Ipiranga do Piauí em 1959 (sendo oficializado com o Projeto de Lei Nº 2061 de 7 de Dezembro de 1960, publicado no Diário Oficial do Estado em 29 de Dezembro de 1960) – tendo em vista a nova redação do Projeto de Lei – a instalação oficial do novo município só aconteceu em 1962. Onde, segundo a *Revista Ipiranga*, foi nomeado para o cargo de prefeito provisório, Luís de Moura Rabelo até ser organizada uma eleição que elegeria o senhor Joel Borges como primeiro prefeito constitucional da nova cidade.

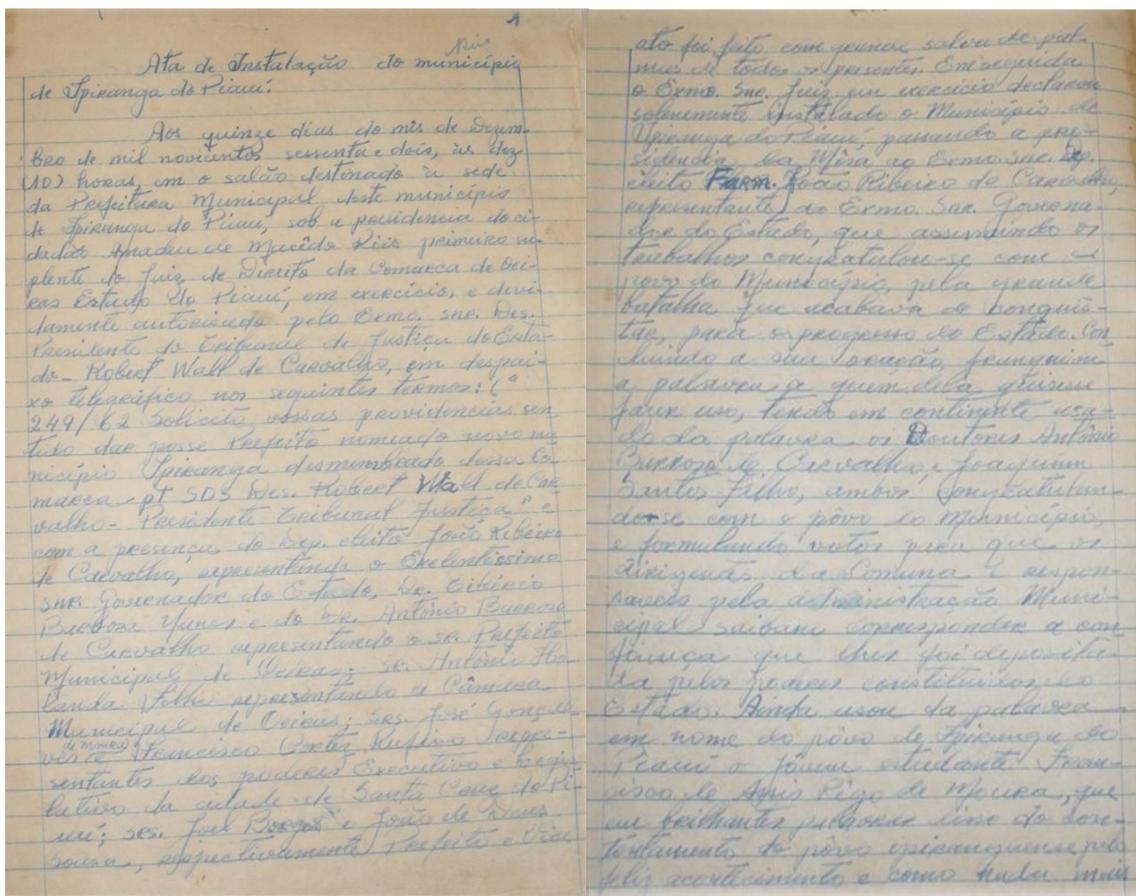


Figura 03: Ata de instalação do município de Ipiranga do Piauí, 15 de dezembro de 1962. Originalmente são 4 laudas.

Fonte: Câmara de vereadores de Ipiranga do Piauí.

TRANSCRIÇÃO DO DOCUMENTO NA ÍNTEGRA:

Ata de instalação do município de Ipiranga do Piauí: Aos quinze dias do mês de Dezembro de mil novecentos sessenta e dois, às dez (10) horas em o salão destinado à sede da Prefeitura Municipal deste município de Ipiranga do Piauí, sob a presidência do cidadão Amadeu de Macêdo Reis primeiro suplente do Juiz de Direito da Comarca de Oeiras Estado do Piauí, em exercício, e devidamente autorizada pelo Exmo. snr. Des. Presidente do Tribunal de Justiça do Estado – Robert Wall de Carvalho, em despacho telegráfico nos seguintes termos: (“249/62 Solicito vossas providencias sentido dar posse Prefeito nomeado novo município Ipiranga desmembrado dessa Comarca pt SDS Des. Robert Wall de Carvalho – Presidente Tribunal Justiça” e com a presenças do Deputado eleito João Ribeiro de Carvalho, representando o Exelentíssimo snr. Governador do Estado, Dr. Tibério Barbosa Nunes, e do Dr. Antônio Barroso de Carvalho representando o sr. Prefeito Municipal de Oeiras; sr. Antônio Holanda Filho representante da Câmara Municipal de Oeiras; srs. José Gonçalves de Moura e Francisco Cortez Rufino representantes dos poderes Executivo e Legislativo da cidade de Santa Cruz do Piauí; srs. Joel Borges e João de Deus Sousa, respectivamente Prefeito e Vice-Prefeito eleitos deste município; convidados especiais: Pe. Benedito de Oliveira Lopes, Pe. Joaquim Rufino da Rêgo, Dr. Joaquim Santos

Filho; João Rufino da Silva, Juiz de Paz de Novo Oriente do Piauí; Raimundo de Barros Sobrinho Vice- Prefeito eleito de Inhuma, Hermógenis de Sousa Leal, Juiz de Paz de Inhuma, Luís de Sousa Leal Exator Estadual de Inhuma, Alvaro Ferreira de Sousa, Clóvis de Alencar Freitas 2º Tabelião Público de Oeiras e mais figuras locais: Joaquim Rufino da Silva, João Batista Borges Caminha; da representação de Santa Cruz do Piauí: encontram-se presentes os mrs. Vicente Cortez Rufino Coletor Estadual em exercício e o sr. Comerciante José Cortez Rufino; de todas as autoridades locais e de grande número de habitantes deste município realizou-se a sessão solene de instalação deste município de Ipiranga do Piauí, criado pela Lei Nº 2061 de 7 de Dezembro de 1960, publicada no Diário Oficial do Estado de 29 de Dezembro de 1960. Declarando aberta a sessão pelo Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca de Oeiras, em exercício, cidadão Amadeu de Macêdo Rêis, convidou para compor a mesa o Snr. Farm. João Ribeiro de Carvalho, representante do Exmo. Snr. Governador do Estado, Dep. Antônio Barroso de Carvalho representante do Exmo. Snr. Prefeito de Oeiras, os Revmos. Pes. Benedito de Oliveira Lopes e Joaquim Rufino do Rêgo, e para secretariar os trabalhos da presente reunião o snr. José de Moura Rêgo Rabêlo, escrivão designado para este fim, que secretariou os trabalhos. Constituída a Mêsda da presente sessão e tendo todos os convidados pelo Exmo Snr. Juiz de Direito em exercício tomada assentada a mêsda, deram-se por abertos os trabalhos iniciados pela leitura do Decreto de nomeação do Prefeito Municipal do novo Município de Ipiranga do Piauí, redigido nos seguintes termos: O Governador de Estado do Piauí; tendo em vista o que consta do processo Nº 8795/62, do Departamento de Administração Geral, resolveu nomear o Sr. Luís de Moura Rabêlo para o cargo de Prefeito Municipal de Ipiranga do Piauí, criado pela Lei Nº 2061 de 7 de Dezembro de 1960 Palácio do Governo, em Teresina, 12 de Dezembro de 1962. (ass) Tibério Barbosa Nunes e Aluisio Soares Ribeiro. Feita a leitura do Decreto de nomeação do Prefeito Municipal de Ipiranga do Piauí, o Presidente da Mêsda convidou o recém-nomeado para prestar o compromisso de lei cujo ato foi feito com grande salva de palmas de todos os presentes. Em seguida o Exmo. Snr. Juiz em exercício declarou solenemente instalado o Município de Ipiranga do Piauí, passando a presidência da Mêsda ao Exmo. Snr. Dep. eleito Farm. João Ribeiro de Carvalho, representante do Exmo. Snr. Governador do Estado, que assumindo os trabalhos congratulou-se com o povo do Município, pela grande batalha que acabava de conquistar, para o progresso do Estado. Concluindo a sua oração franquiou a palavra a quem dela quisesse fazer uso, tendo em continente usado da palavra os Doutores Antônio Barroso de Carvalho e Joaquim Santos Filho, ambos congratulando-se com o povo do município, e formulando votos para que os dirigentes da Comarca e responsáveis pela administração Municipal saibam corresponder a confiança que lhes foi depositada pelos poderes constituídos do Estado. Ainda usou a palavra em nome do povo de Ipiranga do Piauí o jovem estudante Francisco de Assis Rêgo de Moura, que em brilhantes palavras disse do contentamento do povo ipiranguense pelo feliz acontecimento e como nada mais houvesse a tratar, foi pelo snr. Presidente encerrada a sessão, depois de ter agradecido o comparecimento dos presentes; que para constar eu José de Moura Rêgo Rabêlo, escrivão designado para este ato, lavrei e

presente ata em livro próprio, a qual será assinada pelas autoridades presentes e pelo povo [sic.] em geral. (LIVROS DE ATAS/IPIRANGA, 1962).

Podemos observar no documento acima, que o município de Ipiranga do Piauí, teve sua criação oficial no ano de 1960, porém, sua instalação só aconteceu de fato, dois anos após a aprovação da Lei Orgânica do Município Nº 2.061/62 publicada no Diário Oficial do Estado do Piauí, em sessão solene com a presença de várias autoridades do Estado e da cidade de Oeiras. Podemos perceber no conteúdo do documento as múltiplas intenções que permeavam e representavam a instalação/emancipação do município. Por um lado estavam representadas as perdas que até então a sede do município teria, no sentido de que todo o lucro e impostos do povoado Buriti eram remetidos a comarca de Oeiras. Por outro lado havia o descontentamento das localidades vizinhas que segundo a documentação arquivada na Câmara Municipal de Ipiranga do Piauí, que originalmente se encontra em Oeiras, muitas autoridades com relevante influência política na sede administrativa temiam terem seus territórios fixamente anexados a Ipiranga do Piauí, e por esta razão passaram a interceder negativamente na consolidação da emancipação político-administrativa do município.

Contudo, uma parte positiva e determinante neste episódio de emancipação política e desenvolvimento da nova cidade – segundo nos mostraram os relatos e as fontes documentadas em Atas – foi a influência e boas relações do então representante político do povoado Buriti (futura cidade de Ipiranga do Piauí), na época vereador, Joel Borges. Sobre este personagem histórico considera Leal:

É interessante acrescentar que, segundo os registros da Câmara Municipal de Oeiras, em dezesseis de janeiro de 1963 o vereador Joel Borges fez a leitura de um projeto de lei número quatrocentos e setenta e quatro de sua autoria, pedindo a doação das glebas de terras que a prefeitura de Oeiras possuía na cidade de Ipiranga, bem como o prédio do mercado, da usina elétrica, o motor gerador e toda a instalação, o prédio da escola localizada em Furta-lhe- a- Volta, e outros pertences que a prefeitura possuía no município recém-instalado de Ipiranga. Diante disso, o projeto que teria ficado na secretaria da Câmara para ser analisado. Apenas na sessão do dia dezessete de janeiro de 1963 foi aprovado, sendo doados móveis e imóveis ao município de Ipiranga. (LEAL, 2013, p. 58).

Diante das exigências deste último Projeto de Lei, que foi aprovado sem objeções, reforçamos a constatação de que os empecilhos que fizeram com que a emancipação de Ipiranga do Piauí perdurasse por três anos até ser aceita, e mais dois até ser executada se baseavam em

interesses particulares de políticos influentes de Oeiras que se chocou com os propósitos da criação do novo município.

1.2 Processo de urbanização

O vereador Joel Borges foi o primeiro prefeito constitucional de Ipiranga do Piauí e governou de 1 de fevereiro de 1963 a 31 de janeiro de 1967. Diante disso, podemos considerar que talvez os interesses destes políticos e grandes proprietários de terras de Ipiranga do Piauí também estavam ligados a interesses e favorecimentos particulares. Ou seja, o desejo de se afirmar como cidade emancipada certamente não estaria partido da população, mas sim dos fazendeiros e autoridades locais do então povoado Buriti que teriam na emancipação livre acesso a recursos antes destinados a comarca de Oeiras.

Durante o pleito de Joel Borges, o município foi ganhando aspecto urbano. Foram construídas as estradas municipais ligando os centros produtores, o que separou, de maneira gradativa, a cidade da zona rural. Ressaltamos que até hoje ainda não se encontra bem definido onde termina o urbano e onde se começa o rural. Os dois elementos convivem ora juntos, ora mesclados e poucas vezes distintos. As melhorias foram sendo implantadas também de forma gradativa. Foram perfurados poços tubulares, pois até então o abastecimento de água era promovido pelas nascentes dos riachos e nas comunidades rurais pelas nascentes e poços cacimbão; foi construído o prédio da Prefeitura (hoje abriga a Casa da Cultura Monsenhor Mateus); postos de saúde; implantação do chafariz público com motor a bomba; construção do prédio da usina elétrica, etc.

Continuando a expansão de Ipiranga do Piauí, assumiu a prefeitura em seguida Francisco de Assis Moura (1967 – 1971). Neste período foi construído a Praça Nossa Senhora da Conceição; a instalação da paróquia e pavimentação asfáltica da BR 316. Em 1971, o novo prefeito, João de Deus Sousa passou a governar por um curto período de apenas 2 anos. Seu governo teve como ponto forte a chegada da energia elétrica, o sinal de TV, a mudança da feira que acontecia aos domingos para os sábados (REVISTA IPIRANGA, 2002).

Em 1977, o prefeito Luís Cortez Rufino continua com o desenvolvimento construindo as escolas, posto de atendimento do Banco do Brasil, calçamentos das ruas, construção da Praça Joaquim Rufino e dos bairros Nóbillis e Santa Catarina. Na década

de 1980, mais precisamente no ano de 1983, passa a governar o Executivo Municipal de Ipiranga do Piauí, José Santos Rêgo, ficando na administração até o final de 1988. Este período foi marcado principalmente pela ampliação de prédios administrativos e surgimento da Semana da Juventude (REVISTA IPIRANGA, 2002).



Figura 04: Vista panorâmica de Ipiranga do Piauí.
Fonte: Google imagens. Acesso em 09 abr. 2015.

Na imagem acima podemos notar como foi se organizando urbanisticamente a cidade de Ipiranga do Piauí, bem como as transformações no espaço urbano, na formação dos bairros, distinção do centro, praças, ruas e áreas rurais. Segundo os relatos orais do senhor Lucas Cortez Rufino (2013; 2014) os espaços que eram as ruas, casas e áreas de sociabilidades como as praças, igreja e feira permaneceram no mesmo lugar de origem, facilitando, portanto, a demarcação de ruas e avenidas.



Figura 05: Antiga faixa da Igreja Nossa Senhora da Conceição, centro de Ipiranga.
Fonte: Acervo particular de Geiciane Bezerra Guedes.

Outro ponto que convém ressaltar, haja vista da proporção que toma no cenário atual, é que a cidade se tornou a terra do doce, do buriti e do artesanato. O centro de Ipiranga do Piauí se formou em um espaço propício a promoção do desenvolvimento, pois era uma área de transição comercial entre as várias cidades piauienses e dos estados circunvizinhos – Ceará e Pernambuco. Isto porque as estradas que davam acesso ao tráfego de viajantes e negociantes – oriundos das regiões vizinhas e de outros estados com destino a primeira capital, Oeiras, para comercialização de mercadorias e produtos agrícolas – passavam pela área central da sede municipal de Ipiranga do Piauí (REVISTA IPIRANGA, 2002).

Com o crescimento da cidade e a construção da igreja, os costumes populares foram se diversificando. Havia na época grupos de *leseiras*, *rodas de São Benedito*, *roda de São Gonçalo*, grupo de *reizado*, sendo que este último acontecia com mais frequência nos meses de dezembro e janeiro. A brincadeira de malhar o *Judas* era realizada na sexta-feira que antecede a páscoa e era mais comum nas comunidades rurais (REVISTA IPIRANGA, 2002).

Outro fato relevante que proporcionava momentos de sociabilidade nas décadas de 1970 e 1980 foi à chegada do rádio à pilha na cidade. Este aparelho de comunicação costumava reunir dezenas de pessoas ao seu redor para ouvirem as notícias transmitidas via AM pela emissora de Oeiras e os jogos nacionais disponíveis via rádio na época.

O Centro da cidade na década de 1980 já se destacava por abrigar estabelecimentos socioculturais, religiosos e econômicos, quadra de esportes (que recebeu o nome antigo do município: O Buriti), a igreja de Nossa Senhora da Conceição, escolas, secretarias do município, postos de saúde, lojinha de artesanato: (Koisinhas da Terra), vários estabelecimentos comerciais, Casa da Cultura Monsenhor Mateus (onde funcionava a prefeitura), Biblioteca Pública Joel Borges (antigo CRI-Clube Recreativo Ipiranguense), casas lotéricas, agências bancárias, Correios e a maioria das áreas de sociabilidade dos indivíduos locais, merecendo destaque as praças muito bem arborizadas, propícias ao encontro e distração da população.

1.3 O cotidiano de ontem

O cotidiano da década de 1980 baseava-se além dos encontros religiosos das celebrações e aniversário da paróquia, na realização de eventos produtivos, no sentido de promoção de cursos e palestras que beneficiassem o artesanato e cultura local das danças e dos esportes, bem como os eventos estudantis que englobavam toda a população, como os desfiles cívicos e equipes de futebol e voleibol.

No que se refere às sociabilidades dessa época, o morador e depoente Silvestre José dos Santos relatou que:

Na realidade os anos 70 e os anos 80 aqui em Ipiranga as coisas ainda eram muito restritas, era muito bom, era gostoso, mas a gente ainda não tinha um espaço onde se aglomerar se juntar pra... entendeu? A gente se reunia mais em termos da juventude. Aqueles que eram mais ligados com a parte religiosa que participava de grupo de jovens a gente se reunia no Centro Paroquial que na época já existia, né, era apenas um salão grande que tinha tipo um galpão e a gente se reunia lá pra conversar, pra debater as coisas da igreja, isso aqueles que eram mais ligados, que participavam mais de grupo de jovens. Outra coisa que tinha muito e que hoje a gente vê que se acabou mais era a valorização dos produtos da terra né!? Antes os prefeitos sempre promoviam cursos e palestras pra falar e ensinar a fazer cestos ou crochê; outra hora tinham os jogos de futebol que a gente fazia uma turma tocando instrumentos pra ir assistir e torcer; tinha outra coisa que foi muito apreciada também que era a turma de voleibol feminino que era com as meninas do ginásio, sempre juntava muita gente pra ir nos jogos e depois faziam uma tertúlia pra se divertirem. E na época de setembro era outra festa porque todas as escolas faziam o desfile cívico com os alunos, todo mundo bem arrumado e os carros bem ornamentados... era uma maravilha esses tempos minha filha. (SANTOS, 2015).

De acordo com o que demonstra o depoimento do senhor Silvestre José dos Santos, e também as fontes escritas, como a Revista Ipiranga, os costumes dos moradores de Ipiranga nas décadas de 1960, 1970 e 1980 se relacionavam basicamente ao ofício que desenvolviam. Isto é, durante o dia, a maioria dos homens se dedicava às atividades agrícolas, geralmente auxiliados pelas mulheres e crianças. As atividades começavam sempre bem cedo com o “quebra-jejum”, geralmente com um cuscuz de milho, beiju ou farinha de mandioca com rapadura (REVISTA IPIRANGA, 2002).

O senhor Lucas Rufino (2014), por vezes mencionava em seu depoimento que em sua casa e na maioria das famílias era costume, ao entardecer, as famílias rezarem o terço das 18:00 horas, sendo que nas casas mais abastadas financeiramente havia sempre uma “sala dos santos”⁴.

Ainda segundo o depoimento do senhor Lucas Rufino, as atividades sociais eram realizadas de forma bastante singela. Os jogos e desfiles escolares, por exemplo, eram feitos com recursos próprios, e muitas vezes obtidos por parte dos próprios alunos. Os jogos eram sempre bem frequentados pela população em geral, e sua realização estava estritamente relacionada com as tertúlias promovidas pelos jovens, levando em conta que quase sempre os encontros eram aproveitados e realizados no final dos jogos.

Com relação aos desfiles cívicos mencionados pelo depoente, além de seu parecer oral encontramos em diversas fontes, entre elas várias fotografias que apontam o quanto este evento era valorizado e apreciado pela população como um todo.



Figura 06: Desfiles cívicos das escolas municipais, 1989.

Fonte: Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

⁴ Local onde ficavam as imagens dos santos, e também onde eram feitas as orações. Mesmo nas casas mais simples, feitas de pau-a-pique, sempre havia uma imagem do santo protetor da família. A religião católica predominava no município, toda essa acentuada religiosidade influenciou bastante a formação e fixação da paróquia do município logo no início de sua formação.

Os desfiles cívicos costumavam reunir grande número de pessoas, como podemos observar na imagem acima. Eles se constituíam como forma de lazer para a população, servindo muitas vezes de evento político, tendo em vista que as fontes orais deste trabalho, por diversas vezes, mencionavam que a partir dos anos 1980, quase tudo que acontecia na cidade tinha a participação e expressiva presença política.

O artesanato por ser elemento que tomou referência em toda região circunvizinha, também passou a se fixar como sinônimo de sociabilidade e coletividade, por ser uma atividade que requer trabalho em equipe e principalmente compatibilidade entre os envolvidos. A vegetação de Ipiranga do Piauí foi fator contribuinte para a expansão do artesanato, tendo em vista que detém em abundância a matéria prima básica para o desenvolvimento de peças tanto utilitárias como decorativas derivadas dos buritizais (palmeira nativa da região).



Figura 07: Recorte do Jornal da Manhã, Teresina, de 21 de agosto de 1984.
Fonte: Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

O município se destaca há vários anos como grande produtor de doces e frutos naturais. O recorte acima é do Jornal da Manhã de Teresina e data de 21 de agosto de 1984, aborda a grande proporção e significado nacional que o artesanato local estava tomando.

O artesanato e os buritizais de Ipiranga foram responsáveis por estabelecer ao município o título de “terra do doce e do artesanato”⁵ como é cantado no seu hino de autoria de Olívia Rufino que diz o seguinte:

Ipiranga, pedacinho do Brasil
De esperança e sonhos mil
Bate no meu coração
Os teus filhos são heróis
E são gigantes
Que te levam pela mão
São modernos bandeirantes

O aboio do vaqueiro,
O doce e o artesanato
O povo bravo e altaneiro
E o calor do planalto
O vento brando e rasteiro
Valsando com a verde mata
Em noites claras que encerram
Raios de luar de prata

Ipiranga, terra dos canaviais
Terra amada chão de fé
E de belos palmeirais
Mãos artistas, que juntas pedem proteção
A sublime padroeira
A virgem da Conceição. (RUFINO, 1987).

Podemos notar claramente o sentimento de apego, exaltação e amor à sua terra. Contudo, para, além disso, o hino de Ipiranga do Piauí está repleto de elementos que contam sua história e fazem representações panorâmicas de sua estrutura física. Percebemos no teor dos versos a mistura e conexão do urbano com o rural que representa a antiga e atual situação do município, que teve durante todo o processo de

⁵ O município se destaca há vários anos como grande produtor de doces de frutos naturais da região e recebeu por isto a denominação de terra do doce. Sobre este aspecto se destaca a fábrica Lili Doces, que aproveita os frutos da região e cultiva ostros para a fabricação de doces, licores, cajuína, tijolos, vinhos e geração de empregos para a região, além de exportar seus produtos para várias regiões.

formação, estrutura e emancipação pautada nas atividades rurais, agrícolas e extrativista paralelo as questões de comércio, produção e exportação.

Capítulo II

MEMÓRIAS DO BURITI QUE ALVORECEU: Cotidiano e sociabilidades na cidade de Ipiranga do Piauí na década de 1980

“A sensibilidade de escutar vozes discordantes, consonantes, ouvidas e caladas, traçou não apenas as linhas de uma cidade que nascia, mas a memória como parte de sua constituição, pois a memória não é apenas lembrar mas, sim, um trabalho constante”.

Marylu Alves de Oliveira

Ao tomarmos a cidade, seu povo, sua história e seu cotidiano como objeto de estudo, não estamos pesquisando apenas sua trajetória, estamos transitando por suas memórias, suas subjetividades e identidades, dando vida novamente ao que antes habitava o subconsciente do tempo passado.

O cotidiano de uma cidade é composto de um grande número de práticas que variam de acordo com os interesses ou as necessidades de seus cidadãos. Os nossos estudos realizados em torno da cidade de Ipiranga do Piauí na década de 1980 nos mostraram que ela se caracterizava como uma cidade tipicamente calma e centrada nos ideais de religiosidade. Porém, tornava-se bastante movimentada e comentada quando o assunto se referia às tradições festivas, devido ao intenso fluxo e proporção que o tradicional festejo da Semana Cultural da Juventude tomou.

A década de 1980 passou a vigorar em muitos estudos⁶ como sendo um difícil período de transição e dura crise econômica que abalou o Brasil e o mundo. Contudo, convém ressaltar que existe bem mais do que a visão “econômica” para ser lembrada e discutida seriamente nas pesquisas e produções. Com base neste pensamento particular, devemos considerar as possibilidades de lançarmos um novo entendimento sob esta década, e transpor as barreiras impostas pelo viés econômico. Dessa forma abordamos a cidade de Ipiranga do Piauí, “terra do doce e da cajuína”⁷, como palco de uma nova

⁶ Sobre as transições da década de 1980 consultar: SKIDMORE, Thomas E.; SILVA, Maria Salviano. Brasil: de Castelo a Tancredo, 1964-1985. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁷ O título de “Terra do doce” se iniciou com a fundação da fábrica Lili Doces na cidade, que passou a fabricar e exportar doces de frutas típicas da região; mais tarde se agregou o título de “terra do doce e da cajuína” que foi criado em uma campanha de divulgação do aniversário de 40 anos da cidade, na administração do prefeito José Santos Rêgo, quando esta estava voltada para o tema do potencial artesanal de Ipiranga do Piauí, que encontrou principalmente no buriti sua principal fonte de produção,

concepção dos anos 1980, viabilizado pela apropriação das memórias de seus cidadãos, que emprestaram suas subjetividades para a articulação da memória e da história. Elementos fundamentais para a construção do conhecimento histórico e da aproximação do historiador com aquilo que ele não viveu, mas que se atreve a contar.

2.1 As praças: entre o passeio e a memória das lembranças

As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. Nesta aurora do tempo, milênios atrás, elas lá estavam, demarcando um traçado, em formato quadrado ou circular; definindo um espaço construído e organizado, logo tornado icônico do urbano – torres, muralhas, edifícios públicos, praças, mercados, templos. (PESAVENTO, 2007, p. 11).

A definição de Sandra Jatahy Pesavento nos faz perceber a cidade como um objeto de fascinação e seus elementos interiores servem para estabelecer essas relações de fascínio, onde seus formatos, edifícios, praças e mercados se tornam a principal figura ilustrativa do urbano. Dessa maneira podemos relacionar esses monumentos materiais como principais potencializadores das múltiplas sociabilidades que a cidade pode comportar.

Dessa forma, pensamos o presente capítulo como uma análise das práticas cotidianas dos moradores da cidade de Ipiranga do Piauí na década de 1980. Porém, Sandra Jatahy Pesavento nos diz que “a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, [...]” (PESAVENTO, 2007, p. ???). Desta forma, pensamos a praça como um espaço de práticas de sociabilidades que mesmo sendo comum a todos, ao mesmo tempo se constituem como próprias e pessoais de cada um de seus cidadãos. Nesse sentido, analisaremos como estes faziam uso dos espaços públicos como forma de lazer e hábitos da vida noturna, por ser na parte noturna o momento mais oportuno e de maior disponibilidade de tempo dos cidadãos, bem como faremos a análise das permanências e mudanças decorridas no esticar da década de 1980.

aproveitando tanto o fruto desta árvore quanto a fibra e talo de suas folhas. Devido a grande fama que a empresa Lili Doces estava construindo, principalmente na produção de cajuína e no doce de buriti (ambos produtos encontrados em abundância na região) a cidade foi batizada com o título de terra do doce e da cajuína.

A Praça Nossa Senhora da Conceição, constituiu-se como a principal praça da cidade de Ipiranga do Piauí. Esta praça foi construída onde anteriormente funcionava um poço, construído na década de 1910, para abastecer toda a população residente nos arredores. Ela recebeu este nome por se localizar justamente ao lado de onde hoje é a Igreja católica da cidade, batizada de Nossa Senhora da Conceição (NASCIMENTO, 2002), que veremos mais detalhadamente em outro tópico desta produção.

A “Praça da Conceição”, como muitos ipiranguenses a chamam na atualidade (que mais tarde seria conhecida como Praça da Juventude), foi construída, segundo os relatos, ainda na década de 1960. As fontes estudadas nos sugerem que esta praça fora construída para organizar o Centro da cidade, recém-emancipada, incluindo nos seus arredores os espaços coletivos, como a Igreja católica e as lojas comerciais (GUEDES, 2014).

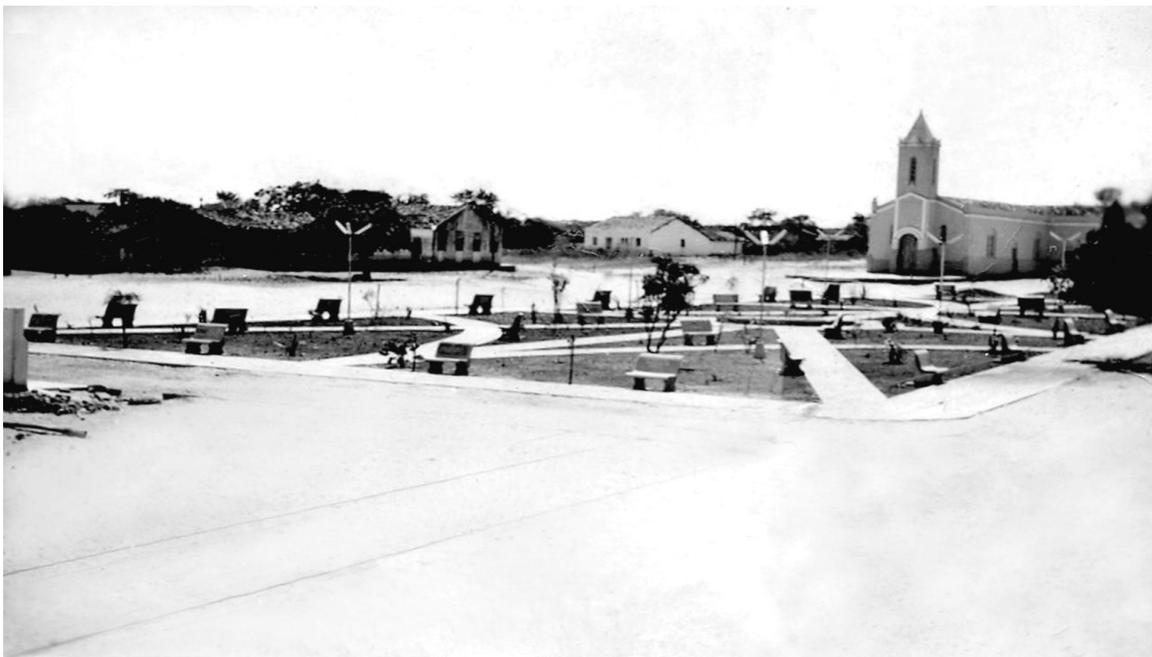


Figura 08: Praça Nossa Senhora da Conceição, c. de 1961.
Fonte: Luís Carlos Fotos & Cia.

Podemos identificar na imagem acima, pela formação em curso que observa, mais uma dentre tantas cidades que abrolharam a partir de uma igreja. Ou seja, da devoção/religiosidade, da pluralidade de costumes de um povo, como nos mostra as concepções de Pesavento. A imagem acima que data de aproximadamente os anos 1960 a 1970 (a mesma foi encontrada em um acervo de fotos antigas restauradas por um fotógrafo da cidade, portanto não há uma data específica estipulada), nos dá uma visão

de como o progresso é lento, até porque o povoado só viria a ser emancipado alguns anos depois. Portanto, os recursos políticos (como por exemplo, as contrapartidas recebidas pelos municípios do Governo Federal, como o FPM – Fundo de Participação do Município), viriam ao mesmo passo do desenvolvimento urbano. A estética foi gradualmente perdendo traços rurais e se convertendo ao urbano.

A Praça Nossa Senhora da Conceição, foi constituindo-se como a principal praça da cidade de Ipiranga do Piauí (como comentamos anteriormente). No entanto, outra praça (Praça Coronel Joaquim Rufino) também foi bastante significativa para a formação da futura cidade, bem como para as práticas de sociabilidades. Essa “primeira praça” foi lembrada no relato oral do senhor Lucas Cortez Rufino, que chegou a afirmar que:

A história que eu me lembro, e que costumo contar sempre foi que a cidade aqui se originou de uma feira que tinha ali onde é a Praça Joaquim Rufino. Era por ali que passavam as estradas, então naquele tempo falava-se do comércio da borracha de maníçoba que era muito explorada. Aqui, que os proprietários que tinha aqui um negócio, acharam por bem compradores de borracha, os comerciantes queriam fazer um lugar que atraísse que chamasse a atenção do povo, para trazer as borrachas e vender as mercadorias. Aí fizeram essa feira ali na praça Joaquim Rufino, depois agente foi fazendo as casas em torno dali, construindo umas casas pra cá, outras pra lá, e por aí foi... fizeram, foi assim que começou o povoado. O povoado foi fundado em 1904, em 1902 em dezembro de 1902 foi a primeira feira, dois de dezembro de 1902. (RUFINO, 2013).

A Praça Coronel Joaquim Rufino, se situa a poucos metros da Praça Nossa Senhora da Conceição, e a princípio foi originada dos encontros comerciais que aconteciam no local. A princípio o local recebeu o nome de Praça da Independência, em alusão ao ato da independência do Brasil. Segundo a *Revista Origem*, em 1967 por sugestão do vereador Raimundo Nonato Carvalho (popularmente conhecido como Netinho Carvalho), em um projeto aprovado na Câmara Municipal, a praça teve o nome alterado para Praça Coronel Joaquim Rufino.

É interessante lembrarmos que o depoente, quando fala da fundação do povoado está se referindo ao episódio em que foi organizada a primeira feira, posteriormente a construção da capela e realização da primeira missa em que na ocasião mudou-se o nome de Buriti para Ipiranga. Ou seja, o depoente não se refere ao início do povoamento, mas ao da mudança no topônimo do povoado, tendo em vista que nessa

época a que se refere Rufino já existia o núcleo habitacional que passou a se chamar Ipiranga e também as comunidades rurais que constituem toda a cidade.

A praça foi agraciada com o segundo nome em referência ao comerciante ambulante Joaquim Rufino da Silva⁸, que em 1910 mudou-se definitivamente para o povoado, passando por três casamentos formou uma família de vinte e oito filhos, sendo que seis deles morreram ainda crianças. Segundo nos relata o depoente Lucas Rufino (filho de Joaquim Rufino), o seu pai teria comprado duas casas exatamente ao lado de onde aconteciam as feiras de borracha e maniçoba, e que mais tarde seria a referida praça, onde realizou uma reforma e a transformou no casarão⁹, onde passou a vender além de produtos primários como couro, borracha, goma, farinha e rapadura, vendia também tecidos. Por ter o senhor Joaquim Rufino se estabelecido muito cedo no povoado, contraiu muitas propriedades, foi comerciante e delegado, o que lhe permitiu alcançar o título de Coronel.

O depoimento do senhor Lucas Cortez Rufino, um dos primeiros moradores da cidade, nos aponta que o período de 1902 foi bastante difícil, por conta do isolamento que ainda predominava; e também destaca uma característica da época que era a quantidade de membros que se tinha em uma família, que seguia uma média de 10 a 12 filhos, ou mais, o que dificultava mais ainda a manutenção. O senhor Lucas Rufino na sua fala expõe também suas recordações quanto ao surgimento da população de Ipiranga do Piauí, que foi vivenciado principalmente na Praça Coronel Joaquim Rufino, uma das primeiras praças da cidade.

⁸ Por volta do ano de 1902, veio ao povoado Buriti o comerciante ambulante Joaquim Rufino da Silva, comprar a borracha de maniçoba, principal extração vegetal do povoado naquela época. Em 1910 mudou-se do povoado Coroatá, município de Picos, onde nasceu em 27 de março de 1882 e fixaram nesta terra residência com a sua primeira esposa, Joaquina Rufino dos Santos e seus dois filhos. Comprou duas pequenas casas que mais tarde, reformadas e ampliadas, transformaram-se no maior centro de referência do povoado: a Casa Grande localizada no centro. A partir de então, outras construções foram surgindo ao seu redor, contribuindo para o desenvolvimento do antigo povoado e posteriormente para o surgimento da cidade. Além da residência, a Casa Grande era também ponto comercial para venda de tecidos, compra de borracha, couro e pele de animais. Em 1913, já viúvo, casou-se pela segunda vez com Maria de Alencar Cortez. Ela era descendente de italianos, vinda da cidade de Exú-CE ao povoado de Ipiranga do Piauí onde acabou residindo. Joaquim e Maria tiveram sete filhos. Em 1927 Joaquim ficou viúvo mais uma vez e um ano mais tarde casou-se pela terceira vez com a prima de sua segunda esposa, a Srt. Rosa Cortez Rufino e com ela teve mais dezesseis filhos, e três outros que não sobreviveram. Dos três casamentos Joaquim Rufino da Silva teve vinte e oito filhos, dos quais houve três óbitos infantis do primeiro casamento. Assim, vinte e dois dos seus filhos tornaram-se adultos. Durante o tempo em que viveu em Buriti e mais tarde Ipiranga do Piauí, de 1910 a 1965 (ano de sua morte), Joaquim foi delegado, comerciante e dono de muitas propriedades o que lhe permitiu alcançar o título de Coronel.

⁹ O “Casarão”, ou “Casa Grande de Joaquim Rufino”, como é conhecido por muitos na cidade, ainda é uma referência da cidade de Ipiranga do Piauí. O casarão ainda conserva parte de sua estrutura inicial tanto interior, como exterior, tendo em vista que muitos de seus cômodos foram cedidos a aluguel para o funcionamento de lojas, bares e a Rádio Comunitária *O Grito de Ipiranga*.



Figura 09: Praça Coronel Joaquim Rufino, 1989. Fonte: Acervo Casa da Cultura Mons. Mateus.

Ainda com relação às entrevistas realizadas com o Senhor Lucas Cortez Rufino – ainda na fase inicial da pesquisa, quando esta ainda estava voltada a disciplina de Cidades e História¹⁰ – percebemos, em seu depoimento, uma enorme contribuição e relevância. Isto é, ele possui um vasto conhecimento sobre o nosso objeto de estudo, haja vista que o mesmo foi membro participante da comissão que passou a trabalhar em prol da emancipação do povoado, quando este ainda era membro da comarca de Oeiras (GUEDES, 2014). O senhor Lucas Cortez Rufino, se mostrando bastante saudoso, nos relatou que:

Nesse tempo aí era tempo que se vivia de verdade! Hoje as pessoas não cumprimentam mais ninguém, e nem os moços de hoje não dão valor aos mais velhos né, as moças não respeitam a presença dos mais velhos. Nessa época aí minha jovem as praças viviam cheias quando chegava a tardezinha. Às vezes eu encontrava uns compadres e a gente conversava sobre o tempo, as roças, os pastos, algum animal que tinha desgarrado. Outras vezes a gente saía dia de domingo pra missa, e enquanto a missa acontecia era aquela algazarra de menino lá fora correndo pela praça, aí quando a missa terminava a gente se demorava um pouquinho por lá conversando. (RUFINO, 2013).

¹⁰ O artigo “Cotidiano e sociabilidades na cidade de Ipiranga do Piauí na década de 1980” foi produzido originalmente como forma de avaliação da disciplina de Cidades e História ministrada pelo Professor Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos, no período de 2012.2, na Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos.



Figura 10: Vista parcial da Praça Nossa Senhora da Conceição, por volta de 1984.
Fonte: Acervo fotográfico Casa da Cultura Monsenhor Mateus

Podemos observar as mudanças ocorridas na estrutura da praça (comparar com a figura 08), surgem canteiros e novos bancos, ocupando assim toda a parte central em frente à igreja. Percebemos através da perspectiva compreendida por Sandra Jatahy Pesavento, que a praça buscou preservar e ampliar seu espaço físico que a define como objeto de múltiplos discursos e olhares, se mantendo assim “como espaço de experiências, construção de saberes e reflexões” (PESAVENTO, 2007, p. 17) o que nos possibilita estabelecer formas e significados a sentimentos que habitam o visível e o imaginário dos cidadãos.

Muitas lembranças, histórias e curiosidades permeiam as singelas passarelas e bancos desta praça, principalmente os bancos! Em entrevista com o depoente Silvestre José dos Santos (2015), nos deparamos com as diversas subjetividades da memória. Ou seja, sentimentos, traduções, experiências íntimas, individuais ou coletivas que a história oral pode proporcionar.

O depoimento de Silvestre José dos Santos e de sua esposa, Lucineide Avelino Leal Santos (casal que na época a que remete a pesquisa estava namorando), destaca a grande movimentação de pessoas que ocupavam todo o espaço da Praça Nossa Senhora da Conceição, geralmente passeando, repousando nos bancos, ou em volta do canteiro esculpido no formato do mapa da cidade (local bastante utilizado para as fotografias da época), onde funcionava uma fonte luminosa.

Uma das coisas que a gente perdeu o brilho que quando começou era a coisa mais linda que tinha aqui em Ipiranga era a praça da Conceição. Nós tínhamos ai uma fonte luminosa que era um espetáculo. A gente ia à noite que era quando as luzes ficavam ligadas muito colorida ai a gente ia pra lá ver... eu não me recordo muito bem a data que ela foi extinta mas ela foi construída nos anos 70 e ficou acho que até comezinho dos 80. A praça foi inaugurada se não me engano em 1968 e a fonte foi por esses dias. (SANTOS, 2015).



Figura 11: Grupo de jovens na fonte luminosa da Praça Nossa Senhora da Conceição, 1970.
Fonte: acervo particular de Maria Rosa Damasceno.

Na ilustração acima podemos reconhecer a Praça Nossa Senhora da Conceição, ao observarmos na parte inferior da imagem já construída a fonte no formato do mapa do município, onde funcionava a fonte luminosa. Percebemos, nas nossas pesquisas, que a maioria das fotografias da época, eram realizadas neste espaço, ilustrado acima. E, na maioria das vezes, a foto era para representar algum acontecimento familiar, no caso de reencontros, ou para marcar datas importantes.

O morador Silvestre dos Santos narrou suas experiências naquela praça com muito carinho. O depoente destacou em seu relato oral um fato engraçado que marcou a sua juventude e de muitos casais da época: as práticas de venda dos bancos da praça ao entardecer. Essa prática cotidiana funcionava de maneira bem simples, porém bastante organizada. Os mais jovens, ou então os que ainda não haviam arrumado uma paquera saíam de casa mais cedo do que os que iam flertar e dos que já tinham encontros marcados. Estes, ao chegarem à praça, se prostravam em um banco, de forma que ao

chegarem os casais, principalmente os mais moços e que ansiavam por um momento a sós, tinham que negociar a liberação do banco por meio de um pagamento.

Segundo o senhor Silvestre José dos Santos, ou como todos o chamam na cidade, “Sili”, ele socializa que até por volta do ano de 1987 às crianças costumavam ir ao entardecer para a Praça da Conceição, que na época era cheia de bancos, segurar lugares para vender. A meninada se espalhava nos bancos da praça enquanto aguardava a noite chegar. Logo que os casais de namorados começavam a chegar, se notava todos os bancos já ocupados, dessa forma era feito uma negociação para que pudesse ocorrer a liberação do banco para os casais. Ou seja, o jovem rapaz teria que pagar se quisesse sentar e desfrutar de um pouco de privacidade com a moça.

[...] aqueles que eram menores nessa época, iam pra lá pra segurar os bancos pra vender para os jovens para os casais de namorados, quem não tinha namorada na época ia pra lá cedo e ficava esperando o povo, aí o cara chegava, porque nessa época todo mundo namorava lá, ia passear ali, aquele passeio, as mulheres se davam as mão, era bacana... aí os namorados dessa época não tinha muitos locais pra se encontrarem, então iam muito pra praça, aí menino não pegava em dinheiro nesse tempo então eles iam logo cedo lá pra praça e cada um sentava em um banco, aí quando os casais chegavam se quisessem sentar no banco e ter um pouco de privacidade tinha que negociar com os meninos se não nem sentava (risos). (SANTOS, 2015).

Percebemos no depoimento do senhor Silvestre José dos Santos os múltiplos usos da praça. Podemos notar por meio de sua fala, as subjetividades que permeiam as lembranças dos diferentes sujeitos históricos que povoam a urbe. Para os mais antigos a praça se mostrava sinônimo de encontros e convivência. Para os mais jovens, o espaço tinha o significado de liberdade e permissividade que a maioria da juventude da época almejava. E, para as crianças, como mostra o depoente, a praça era local de plena liberdade e realização, seja por meio das brincadeiras, travessuras ou das vendas de bancos.



Figura 12: Casal de namorados na Praça Nossa Senhora da Conceição c. de 1973.
Fonte: Acervo pessoal de Maria Rosa Damasceno Moura.

Notamos na imagem acima outro tipo de fotografia bastante realizada na década de 1970 e anos posteriores, que eram as fotografias de casais, realizadas no intuito de se tornarem recordações. A imagem de que tratamos foi cedida por uma moradora do centro da cidade, na época a jovem era uma das moças atuantes no grupo de jovens formado pela paróquia. Na fotografia a senhora Maria Rosa Damascena Moura está ao lado do namorado (marido atualmente), o senhor Antônio Carvalho Damascena Moura.

Segundo o relato da depoente Lucineide Avelino Leal Santos (2015), essa atividade perdurou por anos e certamente faz parte da memória coletiva e individual que permeiam as lembranças dos moradores nessa época.

Além desse passeio na praça para namorar, conversar ou ver a fonte, a comunidade em geral também costumava ir assistir a exibição de filmes e novelas que acontecia no prédio da antiga prefeitura, atual Casa da Cultura Monsenhor Mateus. Estas exibições aconteciam todos os dias, depois que foi instalada a torre da Telepisa.

O então prefeito João de Deus Sousa adquiriu uma televisão por volta de 1973. Esse aparelho eletrônico era posto ao ar livre todas as noites, no próprio espaço em volta da praça, para que a população pudesse se distrair. Essa prática perdurou por anos, e mesmo com o acesso de algumas famílias à televisão, as reuniões continuaram acontecendo na antiga prefeitura e atual Casa da Cultura.

Sobre isto a senhora Lucineide Avelino Leal Santos relatou que:

Além da fonte veio também a primeira televisão pra cá com a torre da Telepisa que instalaram lá na Casa da Cultura, que antes era prefeitura. Esse local ficou um ponto de encontro também de toda a comunidade, nessa época não tinha uma programação muito diversificada então era mais era filme, tinha umas novelas, e no domingo era o dia que juntava mais gente, tinha um programa chamado Flávio Cavalcante que era o mais esperado onde tinha os cantores que me recordo bem os The Fivers, Marcio Greic, Jerry Adriane, Agnaldo Timóteo. (SANTOS, 2015).

A pesquisadora Esther Hamburger (1998) em seu texto “Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano” considera que embora a TV tenha sido introduzida relativamente cedo no Brasil, ela ainda encontrou dificuldades e certa demora até se estabelecer como ferramenta de comunicação e distração no que se refere às pequenas cidades e moradias mais simples. Contudo, rapidamente se tornou padrão a ser considerado e seguido por toda a sociedade brasileira, principalmente as novelas que entraram no cotidiano como um modelo a ser copiado tanto nos modos de vestir e andar como na formação das relações.

Como observamos no relato do senhor Silvestre José dos Santos a TV já fazia parte de uma tendência que começava a se fixar também na cidade. Assim, como relata Hamburger. Porém, os custos e a condição no que se refere à eletricidade, fez com que se tornasse na época um artigo de luxo presente em pouquíssimas residências.

Podemos observar por meio das nossas fontes orais e dos estudos de Esther Hamburger, o quanto a prática realizada em conjunto modifica e interligam os hábitos e as pessoas de diferentes níveis sociais e diversas faixas etárias (HAMBURGER, 1998), bem como a praça nesse aspecto se torna múltipla e plural, se adaptando às diversas modalidades quando o assunto é sociabilidade.

A energia elétrica chegou a Ipiranga do Piauí apenas no ano 1971. A partir daí foi que a cidade tornou-se mais atrativa no que se refere ao lazer, tendo em vista que antes a iluminação era feita por gerador que era desligado às 22 horas.

2.2 Em um chão de fé se alicerça Ipiranga: as missas e os festejos católicos

O que constitui o cotidiano de uma cidade são as composições das práticas em que estas variam mediante o interesse ou necessidade de seus cidadãos. Portanto, o deslocamento para o trabalho diário, o lazer aos domingos, os compromissos sociais ou pessoais, as ocupações ou desocupações diárias simbolizam as práticas e o cotidiano de uma cidade, seja ela uma movimentada metrópole ou uma pacata e modesta urbe

interiorana. Compreendemos que as manifestações destas práticas tendem a sofrer variações de acordo com a cultura de cada lugar.

As questões religiosas foram tendências desde a ocupação do território brasileiro pelos portugueses. Sabemos que uma das características que se apresentavam durante o processo de dominação, eram as criações e implantações de ordens religiosas para serem utilizadas como instrumentos de controle e evangelização das tribos aqui existentes. Dessa forma o catolicismo foi disseminado e introduzido de maneira permanente às populações nativas, tornando dessa forma o Brasil um país predominantemente católico. Desde os períodos de ocupação e colonização, a religião e as igrejas foram peças significativas de conquista e povoamento de uma determinada região. Talvez, por este motivo o Brasil tenha se tornado um país em sua grande maioria católico; o que somente em fins do século XIX e início do século XX seria modificado visto uma significativa ascensão do pluralismo religioso.

Contudo, no decorrer da década de 1980, na cidade de Ipiranga do Piauí, o segmento religioso não sofreu grandes modificações. O catolicismo ainda permaneceu como maioria e com grande participação nas decisões e rotina das sociabilidades dos seus sujeitos históricos. Para compreendermos melhor este enraizamento e permanência quase que intactas, mesmo durante os períodos de profunda mudança no cenário religioso brasileiro, destacaremos neste tópico a relação da religiosidade e da fundação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição com o surgimento do povoado Buriti e sua emancipação política, bem como as práticas religiosas, como as festividades anuais da cidade.

A questão religiosa está diretamente ligada à fundação da cidade de Ipiranga do Piauí. Sobre este aspecto, faz-se necessário refletirmos sobre o papel da igreja na formação da referida cidade até os anos 1980, uma vez que o templo religioso constituiu-se como um espaço de sociabilidade que engloba todas as camadas sociais. Portanto, nota-se a presença da religião a partir do momento histórico em que muitas cidades brasileiras começam a se formar.

A religião também foi uma das formas de sociabilidades mais expressivas do município de Ipiranga do Piauí. Durante muito tempo a vida da população ipiranguense foi inteiramente voltada à religiosidade, isto graças a forte influência dos principais fundadores que descendiam de piauienses e italianos e que professavam a fé católica.

Devido as grandes distâncias que separavam as residências das igrejas no período de 1903, era de costume os fazendeiros da região erguerem capelas em pontos estratégicos de suas fazendas. Considerando a enorme poção de terras concentradas em uma única propriedade, esses templos religiosos eram construídos no principal ponto de encontro das pessoas, haja vista as enormes distâncias que se constituíam de uma casa para outra. Dessa forma, todas as festas, ou seja, casamentos, batizados e novenas, eram realizados nas capelas particulares, que geralmente eram em homenagem a algum santo de devoção do fazendeiro.

As celebrações na maioria das vezes aconteciam sem a presença de um padre, devido à grande carência de meios de transportes. Como forma de suprir às necessidades eucarísticas, a população tinha como hábito – que se passava de geração a geração – o aprendizado de se rezar o terço. Nas residências era costume encontrar uma sala de santos ou um pequeno altar fundido na própria parede e popularmente chamado de “caritó”, onde eram depositadas imagens, rosários, flores e velas. Estes locais eram adaptados para receberem visitantes. Mesmo nas residências mais simples era comum encontrar uma imagem ou qualquer artigo religioso que remetesse a algum santo protetor da família.

Com o surgimento de uma feira improvisada na parte central do ainda povoado Buriti, no final de 1902, por iniciativa dos senhores José Neném e José Vicente Ribeiro de Almeida, dentre outros, foram erguidas diversas palhoças, algumas delas de telha. Assim, com o aumento da população, surgiu a necessidade da criação de uma capela (SOARES, 2007). A partir do ano seguinte já era possível notar construções com telhas, o que nos permite entendermos que o povoado já mostrava características urbanas. Esse fato nos faz pensar o sagrado ou a religião como elementos impulsionadores de povoamento.

Sobre esta relação entre religiosidade e povoamento nos esclarece Zeny Rosendahl (1999), em sua escrita que contempla a formação das cidades relacionadas com a religiosidade, que algumas urbes passam a se perpetuarem em decorrência do sagrado. Rosendahl ao discorrer sobre sagrado e urbano traz a imagem do templo como o principal e mais forte elemento de ligação entre a urbe e a religião. Por este motivo, se constitui a presença dos santuários nas poções centrais das primeiras áreas de povoamento (ROSENDAHL, 1999).

Os rituais religiosos foram, e ainda permanecem sendo, uma das principais formas de encontros e convivência da população de Ipiranga do Piauí. Entre os atos religiosos da época, eram muito comum encontros para realizar as “Entronizações” e “Renovações do Sagrado Coração de Jesus” realizado nas próprias residências. Geralmente estas celebrações aconteciam conforme a data de aniversário ou casamento de um dos moradores da casa. As Entronizações eram realizadas sempre com a presença de um sacerdote, já as renovações eram realizadas pelas mulheres e eram marcadas principalmente pelos cânticos e ladainhas. Era de costume após estes encontros a família oferecer coquetéis com bolos, vinho de caju, aluás¹¹ e até mesmo grandes almoços, tornando assim um encontro religioso e social entre as pessoas.

A princípio os atendimentos religiosos mais especializados, eram realizados na paróquia de Oeiras. Porém, em raras oportunidades, esse ofício sacerdotal se realizava no então povoado Buriti, quando vinham vigários da referida paróquia. Esse foi o caso do Padre José Dias de Freitas, citado pela revista produzida pela paróquia para marcar a comemoração dos 40 anos de regência do Padre José Albino – “*40 anos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição*”. Segundo a fonte pesquisada, o Padre José Dias costumava ir ao povoado Buriti à cavalo, devido a precariedade de meios de transporte na época. Os Cônegos Acelino Portela e Joaquim Lopes, também chegaram a fazer as desobrigas¹² em casas particulares do referido povoado.

A primeira missa realizada no então povoado Buriti data do dia 7 de setembro de 1903. Segundo o senhor Lucas Cortez Rufino e as fontes da paróquia, a missa foi celebrada debaixo de uma árvore, na falta de um local específico. O evento foi apoiado pela Paróquia de Oeiras e celebrado pelo seu Vigário, o Cônego Acelino Portela.

A Paróquia da cidade de Ipiranga do Piauí (Paróquia de Nossa Senhora da Conceição) foi de fato instalada em 1º de Outubro de 1967. Sendo que a Lei municipal de nº 200 de 24 de Novembro de 1969 (CAMINHA, 2009), oficializou o dia 15 de Dezembro (data da emancipação política) como feriado municipal para se festejar a instalação da referida paróquia.

¹¹ Espécie de comida (mingau) doce com milho e creme de côco que ficou conhecida nas festas juninas.

¹² “As desobrigas (hoje quase em desuso) eram as visitas que os missionários faziam, em princípio de cada ano, aos locais mais remotos do sertão, levando os sacramentos às populações que não dispunham de assistência religiosa regular, devido ao próprio isolamento em que viviam ou á ausência de padre na região. O nome “desobriga” refere-se ao antigo preceito da Igreja de que o católico é obrigado, ao menos uma vez por ano, a confessar-se e comungar. Nas desobrigas, além de celebrar missa, o padre fazia confissões, batizados e casamentos em grande quantidade.” In: ESCRIBANO, Francesco. Descalço sobre a terra Vermelha. Tradução Carlos Moura. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. p. 18.

Somente no ano de 1966 que aconteceu a instalação da paróquia de fato no município de Ipiranga do Piauí. Antes disso os acontecimentos religiosos ainda faziam parte da paróquia de Nossa Senhora da Vitória de Oeiras. Porém, para que a instalação ocorresse era necessário o pagamento de 5.000,00 Cruzeiros como exigência da diocese de Oeiras-Floriano. Apenas em 1975 que a paróquia passaria a pertencer à diocese de Picos.

A instalação, segundo mostra a revista “*40 Anos da Paroquia de Nossa Senhora da Conceição*”, aconteceu no dia 1 de outubro de 1967, através de uma grande missa campal organizada pela equipe pastoral e toda a comunidade. No mesmo evento foi nomeado o primeiro pároco da cidade, o padre José Albino de Carvalho Mendes que regeu a paróquia até meados de 2009.

Com o aumento da população e com os ares de urbanidade tomando de conta do povoado Buriti, se reafirmava cada vez mais à vontade e a necessidade de se construir um local apropriado para os cultos religiosos coletivos, haja vista a grande devoção religiosa da maioria da população. Essa vontade e necessidade fez com que os próprios moradores tivessem a ação de construir uma espécie de capela para a realização das celebrações. Com esta finalidade foi organizado pela comunidade um grupo que saía em comitiva arrecadando fundos e promovendo apresentações de reizados e outras danças populares em prol da construção de uma casa de orações.

Segundo a revista “*40 anos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição*”, a ideia de erguer uma capela partiu do senhor Pedro Paulo de Oliveira Lopes (avô do senhor Zeno Lopes) e de Vicente Cortez (descendentes de italiano). Além da arrecadação de donativos ainda foram organizados mutirões entre os moradores. Assim, no ano de 1906 estava erguida a construção provisória de taipa e palha onde o vigário Aristeu do Rêgo Barros e o Cônego Acelino Portella passaram a realizar celebrações.

No ano seguinte, em 7 de setembro de 1907 o Cônego Acelino Portella decidiu substituir o nome do povoado “Buriti” que já era utilizado em muitos povoados da região, pelo nome de Ipiranga em alusão ao ato da independência do Brasil comemorado nesta data. É importante salientar que o ato do Cônego Acelino Portella apenas mudava o nome de “Buriti” para “Ipiranga”, ou seja, o espaço citadino ainda continuava a ser “povoado” e a mudança era apenas no nome, porque algumas pessoas da comunidade acharam que o nome Buriti já estava sendo utilizado por muitas outras

localidades, contudo, a oficialização como município emancipado, e, portanto oficial só viria a ocorrer após o ano de 1959, como veremos posteriormente.

O ato de “renomear” o povoado Buriti, foi proposto como forma de atender ao pedido do senhor Pedro Paulo que esperava homenagear um amigo seu, o Capitão Tibério Ferreira Barbosa. No mesmo ano, sob a orientação do Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos se iniciaram os trabalhos de construção da capela, ficando concluída no dia 2 de janeiro de 1908. As imagens da santa escolhida para nomear a capela, Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião foram doadas por Monsenhor Lopes¹³.



Figura 13: Chegada da imagem de Nossa Senhora dos Remédios c. de 1984.
Fonte: Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

A família Lopes é apontada pelos habitantes da cidade como a família que mais contribuiu para o desenvolvimento religioso de Ipiranga do Piauí. Na imagem acima mostra a chegada da imagem de Nossa Senhora dos Remédios (1984) doada pela

¹³ Monsenhor Joaquim de Oliveira Lopes ou simplesmente Monsenhor Lopes como era conhecido na região, nasceu em 24/02/1870 e foi ordenado sacerdote no Maranhão em 19/04/1894. Colaborou com a criação da Diocese do Piauí 20/02/1901, mas em razão da omissão do Bispado do Maranhão, que não tinha interesse em fazê-la só publicou a Bula de Criação da Diocese do Piauí em 1903. Monsenhor Lopes prestou importantes serviços a Igreja do Piauí. Ainda novo, mas doente foi para Santa Cruz dos Milagres, prestando relevantes serviços a comunidade local. Com o agravamento do seu estado de saúde veio trabalhar no povoado Inhuma na capela e cemitério de São José. Como já residia no povoado Ipiranga seu irmão Pedro Paulo de Oliveira Lopes, passou a frequentar o povoado. Realizava missas e conseguiu por sua influência, elementos importantes para o desenvolvimento do povoado Ipiranga. Tornando-se assim Ipiranguense por pensamentos, coração e obras. Para maiores informações consultar: Biografia de Joaquim de Oliveira Lopes. 1976, [s.n.]. Fonte: Acervo da Biblioteca da Unidade Escolar Monsenhor Lopes, na cidade de Ipiranga – PI.

família. Na época a família Lopes possuía um grande sítio chamado de Santa Cruz do Forte, onde atualmente se localiza a comunidade Forte. Nas dependências deste sítio, segundo moradores da comunidade, foi construída uma pequena capela de orações da família, que ficou conhecida como “Capela da Várzea”. Era hábito da família, inclusive, receber as pessoas do povoado para participarem das celebrações. Padre Lopes, como era popularmente conhecido Monsenhor Lopes, resolveu se transferir definitivamente para o povoado com duas de suas irmãs, Mariana e Onorinda. Até a instalação da paróquia as irmãs Lopes eram as principais responsáveis pela preparação das crianças e jovens para o sacramento da 1ª Eucaristia e Crisma. A família Lopes também contribuiu para a construção do primeiro cemitério do povoado e de uma casa para hospedagem do Clero em dias de celebrações que ficou conhecida como “Rancho Lopes”.



Figura 14: Casarão dos Lopes na localidade Forte. 1963.

Fonte: Acervo fotográfico da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.



Figura 15: Capela construída no sítio Santa Cruz do Forte, atual localidade Forte. 1963
 Fonte: Acervo fotográfico da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

De acordo com o depoimento do senhor Lucas Rufino, a população de Ipiranga do Piauí foi muito voltada aos movimentos religiosos. Ele chegou a afirmar que “o povo daqui não perde boda nem batizado”. Ou seja, percebemos diante de sua expressão de graça que a população local foi muito ligada a todos os tipos de relações com o lazer e festividades religiosas.

No decorrer de todo esse processo percebemos as múltiplas mudanças tanto nas questões estruturais externas quanto internas. Segundo nos relatou o senhor Lucas Rufino a igreja de Ipiranga do Piauí no decorrer dos anos passou por várias reformas físicas, mas, sempre permaneceu no mesmo lugar da primeira construção. Ele também informou que houve mudanças internas na organização da igreja, sendo que esta passou por um longo processo de firmação, enquanto ainda era parte integrante da comarca de Oeiras, até a instalação e emancipação política da cidade de Ipiranga. Isto nos leva a refletir sobre o processo mencionado anteriormente da interferência e relação que o catolicismo tinha com as questões de conquista e povoamento, onde as idealizações religiosas e o firmamento de irmandades caracterizavam o processo de construção de uma identidade cultural e social.

As festas religiosas na cidade de Ipiranga do Piauí se tornaram importante espaço de sociabilidade, uma vez que, o caráter religioso dessa população, está ligado também à questão das convivências realizadas por meio da Igreja: as missas, batizados e celebrações que eram realizados e se estabeleciam como meios de entreter a população,

tendo em vista a existência de poucos ambientes dedicados ao lazer e a junção dos moradores. Desse modo, era necessário, portanto, atividades que proporcionassem o lazer para os cidadãos ipiranguenses, pois, segundo os depoentes Lucas Cortez Rufino e Maria da Conceição Sousa, as festas existentes eram particulares, de modo que boa parte da população não tinha acesso e nem condições. Somente as famílias mais abastadas que atuavam como sócios nesses ambientes que tinham livre acesso. Portanto, percebemos que mesmo sendo a cidade de pequeno porte, se fazia presente uma espécie de divisão de classes, de modo que apenas as famílias mais abastadas frequentavam alguns espaços e eventos sociais.



Figura 16: Centro da cidade de Ipiranga do Piauí em 1964, fachada da igreja.
Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus.



Figura 17: Posse do 1º pároco de Ipiranga, Pe. José Albino de Carvalho Mendes.
Fonte: Acervo da paróquia N. S. da Conceição.

As imagens acima (figuras 16 e 17) fazem parte do acervo pessoal do primeiro Pároco de Ipiranga do Piauí, o Pe. Albino, que regeu até meados de 2012. As fontes orais e os documentos escritos consultados apontam que durante os anos 1980, o povo de Ipiranga do Piauí ainda tinha como principal atividade religiosa as comemorações alusivas a Semana Santa e as quermesses que se realizavam durante as novenas de comemoração do aniversário da paróquia. Nesses dois períodos (abril e dezembro, respectivamente), a cidade recebe muitos ipiranguenses que residem em outros municípios. Esses visitantes se destinavam tanto a zona urbana quanto à rural. Sendo que nos diversos povoados, também bastante ligados à religião, esses cristãos aproveitavam para desfrutar da culinária que era oferecida com abundância e variedade.

As fontes consultadas apontam ainda que o aniversário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição constitui a maior e mais marcante festa religiosa da cidade. Esse evento era comemorado no dia 12 de dezembro, mas, posteriormente, passou a ser comemorado no mesmo dia da emancipação política da cidade (15 de dezembro). Essa comemoração conjunta promovia assim, uma semana de celebrações e novenas sempre com grande atuação da comunidade da cidade e dos povoados vizinhos, com finalização no dia 15 de dezembro, quando tradicionalmente acontece a comemoração do aniversário da cidade.



Figura 18: Grupo de jovens participando de quermesse da Paróquia cerca de 1983.

Fonte: Casa Paroquial de Ipiranga.

No que se refere aos encontros para as celebrações e festividades da Igreja Católica o senhor Lucas Rufino relatou que:

No tempo de festejar o aniversário da paróquia era uma movimentação muito grande na cidade. Na década de 80 nos interior já tinham cada um seu padroeiro; na comunidade da Furta-lhe a Volta tinha São João Batista, na de Cocos tinha São José e no Brejo da Fortaleza era São Francisco. Nessa época, quando chegava a semana da Padroeira toda a comunidade do interior se organizavam e traziam os santos em uma procissão a pé aqui pra igreja. Reunia gente de todas as casas e era o dia todo de caminhada, aí chegavam aqui a noitinha e tinha a celebração de grande missa e depois tinham as quermesses, leilões de bolos... era um divertimento pra todo mundo! As crianças se fartavam nas barracas de pescaria, as mocinhas e os rapazotes aproveitavam pra paquerar... muito casamento começou nesses encontros. (RUFINO, 2014).

O fragmento acima e a imagem (figura 18) nos dá a dimensão do quanto era forte a tradição religiosa tanto dos moradores da cidade quanto das comunidades pertencentes ao município. As celebrações em comemoração ao aniversário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição levavam para as ruas da cidade milhares de pessoas que prestavam suas homenagens a padroeira e aos santos de sua devoção. Por outro lado, além da devoção ao sagrado que o povo sentia, ainda estava presente a carência de opções de lazer e entretenimento profano, em que uma festa voltada para o público aparentemente atuante dentro da instituição da igreja terminava por atrair todas as pessoas de diversas faixas etárias e crenças.

2.3 O mercado: as feiras e suas memórias

Segundo relatos de moradores, o Centro da cidade de Ipiranga do Piauí se originou principalmente por conta do aglomerado de comerciantes que promoviam uma espécie de feira ao ar livre. Essa feira promovia o encontro de diversos grupos sociais (tropeiros, vaqueiros e imigrantes italianos) que desenvolviam diversas atividades econômicas (extrativismo vegetal, pecuária extensiva, atividade açucareira, devido à produção de rapadura e melado) em sua maioria destinada ao mercado como requisito da subsistência (GUEDES, 2014).

O Mercado Público de Ipiranga do Piauí foi construído quando a comunidade ainda pertencia à cidade de Oeiras, no ano de 1951 no exato local onde ocorriam as primeiras feiras e trocas comerciais. Sua arquitetura segue os padrões da época, com

paredes extremamente altas e robustas, portais alongados e detalhes minimamente desenhados.



Figura 19: Mercado Público de Ipiranga do Piauí 1951.

Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

Ao pensarmos o surgimento no espaço de um conglomerado de pessoas de um núcleo comercial, logo partiremos da ideia de Raquel Rolnik (2004) ao dizer que a cidade ao aglomerar num espaço limitado uma numerosa população, cria o mercado.

A partir da ideia do surgimento de um núcleo comercial num determinado espaço, Raquel Rolnik explica que:

A cidade, ao aglomerar num espaço limitado uma numerosa população, cria o mercado. E assim se estabelece não apenas a divisão do trabalho entre campo e cidade, mas também uma especialização do trabalho no interior da cidade. (ROLNIK, 2004, p. 26).

Concordamos com as proposições de Rolnik no sentido de que ao surgir o mercado público este atua como sujeito atrativo e de concentração de pessoas, como ocorreu no município de Ipiranga do Piauí, haja vista os motivos que ocasionaram seu surgimento que ocorreu em virtude de uma feira para comercialização da maniçoba. Desse modo, o que já era uma prática comercial improvisada, com o mercado passou a ganhar aspecto especializado que atua também como fator divisor das práticas comerciais de campo e da cidade.

O depoente Lucas Rufino (2013) ao ser questionado quanto aos espaços de sociabilidades que possibilitavam os encontros da década de 1980 relatou também o mercado como um dos principais pontos de circulação e relacionamento das pessoas. Segundo este depoente era no entorno do mercado público que aconteciam a maior parte das conversas e reencontros durante as feiras que acontecem aos sábados. Segundo o senhor Lucas Rufino era comum às moças e os rapazes marcarem encontros, ou até mesmo saírem para paquerar nas imediações do mercado.

Sobre estas práticas nos relatou Lucas Rufino que:

A feira nessa época era um... um acontecimento... muita gente e principalmente os mais moço passava a semana ansioso pra chegada do sábado. Vinha muitos feirantes de outras cidades montarem barraca aqui. Os rapazinhos se arrumavam logo cedo e iam pra rua, alguns ficavam ali na praça Joaquim Rufino, outros iam circular em volta do mercado. As moças que vinham apenas passear chegavam um pouco mais tarde... muitos encontros e casamentos começaram desse passeio da feira no mercado. (RUFINO, 2013).

Portanto, na visão do depoente percebemos que o mercado, assim como a feira pública, não se constituía apenas como um local de trocas comerciais e encontros de negócios. Era muito mais um espaço de encontros e de relacionamento entre as pessoas que utilizavam aquele lugar como setor de sociabilidade em diversas relações pessoais.

A lembrança do uso social do mercado (e não apenas econômico) também se fez presente no depoimento da senhora Maria da Conceição Alves Soares (2015). Essa depoente fez parte do coral “Vozes Daki” e da equipe de catequização da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. No seu relato oral ela destacou que na falta de outras praças preparadas para receber um público, além da Praça Nossa Senhora da Conceição, as moças e rapazes faziam do Mercado Público, (ao redor deste espaço eram montadas as barracas da feira aos sábados), um local de divertimento e paqueras, principalmente depois que foi instalado em frente um sistema de autofalantes com o intuito de transmitir os noticiários e as canções que marcavam a época. Segundo o depoimento de dona Maria da Conceição Alves Soares:

Porque antes não tinha outras praças que tinha bancos né, só aquela da igreja mesmo, aí o que acontecia? A nossa praça era o mercado! A gente passava o tempo todinho rodando o mercado, era o sábado e domingo todo nesse serviço. (risos)... Aí a gente ficava lá, e tinha os barzinhos às bodegas de Dão Mocó, Luís Gadeira, aí agente gostava de ficar ali, as moças se arrumavam toda e encontrava as colegas para ir rodar o mercado, que era pra os rapazes verem e se interessarem. (SOARES, 2015).

A depoente relata que o espaço do mercado público passou a ser mais popular após a instalação do sistema amplificador que transmitia um programa que acontecia na rádio comunitária, com a locução do senhor Netim Carvalho. Até então, segundo a depoente, o espaço do mercado era mais frequentado pelas pessoas que moravam nas ruas localizadas em seu entorno.

A moradora e depoente Maria da Conceição Alves Soares ainda nos relatou que até o final da década de 1980 aconteciam muitas divisões por conta da posição social. Geralmente os moradores que residiam nas proximidades da igreja não costumavam se deslocar para a região do mercado, com exceção dos sábados por conta da feira. E, o mesmo acontecia com os moradores da Avenida Manoel Ribeiro, mais popularmente conhecido como “os Pirocas”, por conta da primeira família a povoar o espaço. Segundo o depoimento da entrevistada quando iniciava este programa a população se aglomerava na rua mesmo em frente ao mercado para dançar. As principais músicas que a depoente se recorda era as de Roberto Carlos, que segundo ela era a mais apreciada, principalmente pelos casais.

Ali no mercado a gente ficava esperando chegar o sábado e domingo pra ir passear lá, ficar rodando... lá colocaram umas amplificadoras ali no canto onde tem o mercadinho de Deolindo e outra lá onde era a prefeitura velha, que hoje é a casa da cultura e tinha um programa do dia que Netim Carvalho fazia, aí a gente aproveitava pra dançar lá no meio da rua, tinha os shows de calouro, eu não me lembro muito bem do nome mais acho que era “Voz de Ipiranga” aí tocava muito Roberto Carlos que os casais gostavam. (SOARES, 2015).

No depoimento da senhora Maria da Conceição Alves Soares, mais conhecida na cidade como “Ceição Mangueira”, percebemos que a apropriação do espaço onde se fundou o mercado público não era feito apenas com intenções comerciais, boa parte da população, principalmente jovens e mulheres, que seguindo o modelo de sociedade da época eram ainda excluídas das atividades comerciais nas cidades mais remotas, utilizavam o espaço como ponto de convivência e diversão, principalmente após a instalação do sistema de sonoridade no seu entorno.

2.4 Clubes, Budegas e Tertúlias: os encontros dançantes dos anos 1980.

A memória atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente. (DELGADO, 2006, p. 38).

Os anos 1980 na cidade de Ipiranga do Piauí também foram marcados pelos encontros dançantes, por vezes combinados e planejados, e outras por acaso. As moças saíam de casa em grupo, geralmente vigiadas pelos pais ou irmãos para uma contradança nas tertúlias do CRI (Clube Recreativo Ipiranguense) ou curtir um som de vitrola do “Chico Mocó”. Os moços trajavam calças bem ajustadas, portavam carteiras de cigarro “HollyHood” e rodeavam os balcões das budegas, tomando uma “quentinha” ou uma garrafa de “simbá”, enquanto esperavam o momento do flerte ser proporcionado pela presença das moças. As duas partes (moças e rapazes) povoavam setores distintos e separados pelas convicções sociais, sendo que onde os mais velhos estavam conversando, os mais moços deviam se recatar. Contudo, existia um momento em comum: as danças. Um momento em que as duas partes almejam o mesmo objetivo: a diversão. As festas da década de 1980 foram “únicas, decisivas, marcantes” (para aqueles que delas participaram) e até hoje saudosas, porque marcaram momentos de diversões intensas, juntaram gerações distintas, resultaram em muitos matrimônios.

Os locais que marcaram os encontros na década de 1980 na urbe ipiranguense permanecem vivos e cheios de significados na memória múltipla e plural de seus sujeitos históricos. Para Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p. 38) “tempo e memória são elementos de um processo único, são pontes de ligação, elos de corrente, que integram as múltiplas extensões da própria temporalidade em movimento”.

Para entendermos como estes locais de sociabilidade se alicerçaram no cotidiano e nas práticas de divertimento da população citadina, abordamos o surgimento do principal clube (CRI – Clube Recreativo Ipiranguense), que perdurou até o início da referida década, bem como as concepções e permanências das celebrações que se davam nos espaços públicos e ao ar livre como as tertúlias e as matinês.

Para fundamentar nosso entendimento recorreremos novamente à memória coletiva dos sujeitos históricos viventes desse processo, por meio da história oral.

Segundo nos relatou a senhora Maria da Conceição Alves Soares, as festas ou movimentos que reuniam muitas pessoas não eram tão raros como nas décadas anteriores aos anos 1980, mas também ainda não era algo que atingisse grandes proporções.

Antes de construir ali o CRI [Clube Recreativo Ipiranguense], que se não me engano foi no comecinho dos anos 70, a gente não media esforço pra montar uma algazarra não... a gente fazia as matinês. O lugar que sempre era sugerido era aqui na casa de minha vó, porque tinha umas faveiras enormes e a gente fazia ali mesmo, então vinha

muita gente, mas os ricos não frequentavam. Tinha muita comida, música, dança... [...]. Tinha também muitas tertúlias. Aqui tinha um lugar que era famoso nessa época que a gente chamava de “Bafo da Vaca”. O Bafo da Vaca era ali na casa de dona Tonheira, aí ali naquele local onde hoje é a rua José Borges era um curral de boi, aí a gente se divertia muito lá, e chamava de Bafo da Vaca por causa do gado de seu Claro Rêgo que ficava lá. Ali na casa de Tonheira era um salão... lá era onde os jovens aproveitavam pra paquerar, as meninas arrumavam namorado. Era esses locais, os que a gente frequentava mesmo e que tinha era o CRI, centro Social, Pirocas e ali no Bafo da vaca. Lá no CRI tinha muita tertúlia. (SOARES, 2015).

A depoente no momento do questionamento sobre estes espaços, que reuniam os jovens dos anos 1970 e 1980, se emocionou alegremente com aquilo que, segundo ela, “os jovens de hoje jamais chegaram sequer próximo”.

As falas da moradora Maria da Conceição Alves Soares apontam para uma presença de elementos rurais ainda mesclando com o urbano. Podemos perceber a presença desses dois elementos distintos no momento da fala da depoente quando a mesma relatou os locais de reunião dos jovens para as festas, que na época eram realizadas nas proximidades de currais de bois, que ainda ficavam instalados no entorno das casas e ruas. A cidade permaneceu com este aspecto ainda por muitos anos, e até hoje conseguimos identificar essas proximidades e presenças de elementos tipicamente rurais.

Vale ressaltar que estas práticas passaram a acontecer desde a década de 1960, quando o município já estava prestes a ser oficialmente emancipado. As festas as quais a depoente Maria da Conceição Alves Soares se refere geralmente eram estabelecidas por meio de rodas de música onde um “tocador” ou “sanfoneiro” se apresentava, bem como danças folclóricas como as lezeiras, pastoril e reisados. Eram nestes espaços que se constituíam diversos laços de amizades, namoros ou até mesmo rixas. As moças, segundo a fala da dona Maria da Conceição Soares, iam a estes locais sempre acompanhadas pelos pais.



Figura 20: Espaço interno do CRI (Clube Recreativo Ipiranguense). Imagem doada a Casa da Cultura Monsenhor Mateus pela D. Rita Siqueira. Fonte: Casa da Cultura M. Mateus.

O senhor Lucas Rufino em sua última entrevista, (tendo em vista a triste surpresa de sua morte) também teceu comentários sobre as festas, ou “tertúlias” que aconteciam com bastante frequência nos anos 1980 e décadas anteriores. Essas festas geralmente aconteciam nas próprias residências, aonde segundo o depoente, as moças só iam acompanhadas dos pais ou de algum responsável. Esses encontros festivos constituíam-se como uma das raras chances que os casais de namorados tinham para, com a ajuda dos amigos alcoviteiros, enrolarem a vigilância e namorarem mais a vontade.

Essas tertúlias a gente fazia mais em casas particulares, era comum, tinha a casa ali de D. Donita onde aconteciam muito essas festas, tinha também a casa de Manoel Ribeiro, as mais comuns eram essas duas porque essas festas eram organizadas pelos sócios, esses eventos tinham que ser bem planejados... aí nessa época já tinha também o CRI (Clube Recreativo Ipiranguense) que foi criado por volta de 1968-69 que aconteciam algumas festas lá também, tinha o clube de Chico Mocó tinha o Big Show, mais o que mais era frequentado era as festas na pousada de D. Donita. (RUFINO, 2013).



Figura 21: Casal frequentador do CRI (Clube Recreativo Ipiranguense). Fonte: Acervo Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

Outro depoente que teceu comentários sobre os divertimentos urbanos ipiranguenses foi o senhor Silvestre José dos Santos. Na época (anos 1980) ele era jovem atuante nas atividades da igreja, do coral e um dos personagens do grupo responsável pela criação da semana cultural do município. Ele relatou que as pessoas nessa época ainda passavam por muitas dificuldades e por isso as atividades sociais desse período se restringiam ao labor do dia a dia e no finalzinho de tarde sempre tinham aquelas calçadas das casas tradicionais que costumavam reunir as famílias para uma conversa falando da rotina. Outras pessoas, geralmente os mais moços, iam caminhar nas praças, andar de bicicleta nas ruas. Ele relatou ainda que os momentos em que se via mais pessoas nas ruas era só nos finais de semana, principalmente no CRI (Clube Recreativo Ipiranguense) que nos anos 1980 ganhava cobertura de telhas de cerâmica. Até então, o único clube da cidade tinha uma cobertura de palha que foi propositalmente incendiada por um jovem.

A população daqui em geral, na década de 80 gostava muito de frequentar seus vizinhos sempre no final de tarde que geralmente era quando as pessoas tinham terminado as tarefas do dia, [...] é, a parte de lazer nós tínhamos aqui um local que chamava CRI (Clube Recreativo Ipiranguense), este espaço ficava onde hoje é a biblioteca Joel Borges, ali era onde tinha as festas. Nos anos 80 já tava bem melhorada porque a gente já tinha uma cobertura de telha, mas nos anos 70 que já existia era de palha também, até que um dia um jovem tocou fogo na palha e depois fizeram a cobertura de telha, então as festas eram feitas nesse CRI, inclusive lá onde foi feita a primeira festa da semana da juventude foi lá, foi nesse CRI, a primeira festa não foi na praça. (SANTOS, 2015).

2.5. Semana da Juventude: a cultura épica de se divertir!

A cidade de Ipiranga do Piauí seguindo os caminhos de seu surgimento: cultivo de cana-de-açúcar, extrativismo da maniçoba, comércio e tradições folclóricas, passou também a ser conhecida como a terra do doce, do buriti e do artesanato. Sendo também dotada de diversas manifestações culturais e tradições propícias da região, entre as quais daremos uma atenção especial, neste último tópico, à tradicional Semana Cultural da Juventude Ipiranguense.

O tradicional festejo de Ipiranga do Piauí foi realizado pela primeira vez em 1984 tendo como idealizadores alguns jovens de pequenos grupos formados na cidade. O festejo surgiu a partir da iniciativa destes jovens que já costumavam se reunir durante os jogos que eles mesmos organizavam e saíam nas cidades vizinhas para disputar campeonatos.

O motivo principal para a realização da Semana Cultural da Juventude, de acordo com os depoentes desta pesquisa e idealizadores deste evento, foi devido à carência de espaços de lazer na cidade de Ipiranga do Piauí. Segundo os depoimentos de alguns participantes do grupo dessa época, em uma dessas viagens, ao município de Simplício Mendes para disputa de campeonato de futebol e voleibol, eles tomaram conhecimento que nessa cidade costumava acontecer a “Semana Universitária”. Pensando no atrativo que esta semana causava nos jovens daquela cidade, o grupo começou a pensar algo que pudesse ser realizado no mês de julho, em Ipiranga do Piauí. Embora eles não fossem universitários, pensaram que poderiam promover algo voltado para a juventude e população em geral, daí o nome “Semana da Juventude”. Eles também pensaram na possibilidade desse evento ser voltado para cultura, tendo em visto grande potencial do município no setor de artesanato, principalmente dos materiais do

buritizeiro, árvore típica do município. Outro atrativo desse evento ipiranguense seriam atividades que já eram realizadas nas matinês e apresentações em outras comunidades, como as danças típicas dos povoados, entre elas o reisado, a leseira, o pastoril e as quadrilhas.

A imagem a seguir (figura 22) foi recortada do Jornal de Picos, onde aparece publicada uma reportagem referente à criação da Semana da Juventude, destacando os objetivos da mesma. A reportagem no Jornal de Picos foi concedida pela professora Maria Helenita Leal Sousa, uma das idealizadoras do evento. A professora Helenita Sousa, em seu depoimento, mencionou que a Semana Cultural sempre era noticiada nos jornais do período como nos periódicos teresinenses O Dia, e Jornal da Manhã e no periódico picoense Jornal de Picos. Porém, a coleta de informações desses jornais não se mostrou favorável devido à falta de um trabalho especializado no sentido de catalogar esse tipo de fonte.

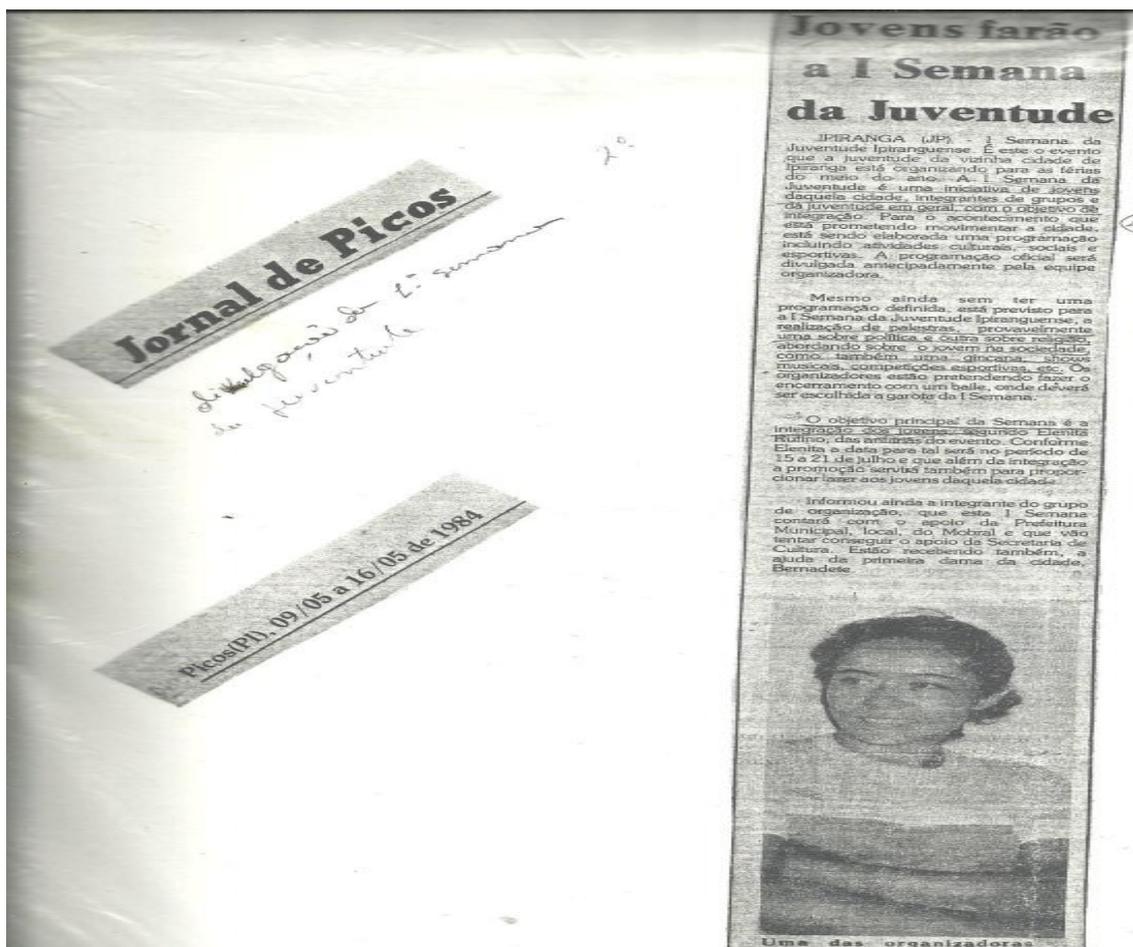


Figura 22: Jornal de Picos de 1984 noticiando a I Semana Cultural da Juventude Ipiranguense.
 Fonte: Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

Registramos na imagem acima a divulgação da I Semana da Juventude Ipiranguense divulgada pelo Jornal de Picos no ano de 1984. A notícia traz ainda informações sobre os idealizadores do evento e uma prévia do que seria a primeira Semana da Juventude. Nesta primeira edição seriam realizadas atividades culturais, sociais e esportivas, bem como palestras (voltadas à juventude e toda população, sobre religião, política sobre o jovem na sociedade), gincanas e shows musicais. (JORNAL DE PICOS, 1984).

Segundo evidencia o Jornal de Picos (1984), desde a primeira Semana da Juventude, é realizada a escolha da “Garota da Juventude”, sempre no último dia do festejo. Essa tradição segue nos dias atuais com a diferença de que além da garota há dois anos fazem a escolha também do “Garoto Juventude”. Além disso, a estrutura do festejo segue a mesma da primeira edição, sendo realizado a abertura oficial todos os anos com a alvorada festiva nas calçadas da igreja matriz, a partir das 4:00 horas da manhã, e missa às 9:00 horas do mesmo dia.

Segundo nos relatou nossa depoente Maria Helenita Leal Sousa, organizadora do evento (retratada na foto acima), o principal objetivo da Semana seria a integração dos jovens, bem como proporcionar lazer para a época que costumeiramente as famílias se reuniam, por ser o período das férias.

A década de 80 aqui no nosso município era uma época em que as atividades eram voltadas mesmo para os afazeres de casa e da roça, alguns poucos cuidavam de um comércio pequeno... Mais o que marca sempre essa época era a falta de lazer no município, não só para os jovens, mas pra toda a população, eram poucas as atividades esportivas. Eu lembro bem que a gente por conta de sentir essa necessidade de lazer, cultura, diversão [...] então a gente tinha um grupo que jovens, amigos e amigas que participava de vários jogos em alguns municípios vizinhos, aí eu me lembro que em um certo jogo na cidade de Simplício Mendes a gente ficou sabendo de uma semana universitária que acontecia lá, aí como a gente já tinha a ideia de promover algo né... aí pensamos que não éramos universitários mais podíamos fazer uma semana da juventude, e foi uma ideia que deu muito certo né... já são mais de 30 anos. (SOUSA, 2015).

A depoente afirmou que a Semana Cultural foi criada pela falta de espaços de lazer na urbe. Percebemos que não há muitas discordâncias entre os entrevistados com relação ao motivo que levou a criação do festejo. A depoente reforça ainda que não só os jovens da cidade como todas as faixas etárias sentiam falta de atividades que promovessem o lazer coletivo, talvez por este fato a Semana Cultural tenha sido tão rapidamente aceita e apoiada por toda a população. Outro fato importante na nossa

pesquisa é que no decorrer do processo de coleta de dados, por meio das entrevistas, percebemos uma unidade nos propósitos do grupo que iniciou o festejo, sempre um complementava a fala do anterior, havendo, portanto um cruzamento de informações de forma quase que espontânea.

Essa complementariedade de informações se faz perceptível no depoimento do morador Francisco Vieira da Silva Filho (2015), mais conhecido por todos como “Françua”. O senhor Françua, outro membro do grupo organizador do evento, nos apresentou em seu relato um panorama de como eram as sociabilidades da época. Fora as tertúlias e os encontros nos clubes e bares, havia de fato a migração dos jovens para outras localidades, reforçando o discurso que se apresentou neste trabalho como sendo o principal motivo de criação do festejo.

Bom, nessa época, mais especificamente no ano de 1982 foi quando eu passei a morar definitivamente em Ipiranga, antes eu residia em Oeiras por causa dos estudos, e a nossa forma de diversão. A forma que a gente tinha de lazer era nos finais de semana a gente se encontrava no que existia na época era os grupos de jovens que se formavam em torno de um time de voleibol, de futebol e aí nos encontrávamos nos finais de semana, quando não tinha as rotineiras festas que eram chamadas de tertúlias no CRI, a gente ia ali pra Luís Bola onde tinha o Big Show, tinha também lá o bar Itapemirim ou de Chico Baixim e Antônio Carvalho e eram os pontos que a gente se encontrava eram basicamente aí, e nas férias era nos interiores que era Furta-lhe a Volta, Brejo da Fortaleza ou Cocos. A gente tinha um grupo que antecedeu a Semana da Juventude, o grupo se chamava NV que era Núcleo Voluntário, existia na época o Mobral e a gente tinha esse núcleo que tinha esse time de futebol e esse time se encontrava com outros jovens de Santa Cruz, Simplício Mendes, Inhuma, eram basicamente os jovens que a gente se relacionava mais de fora. Em Simplício Mendes tinha um grupo de universitários, que naquela época era difícil, mais estudavam fora também, que quando eles iam pra Simplício Mendes eles organizavam um campeonato e a gente sempre ia pra Simplício Mendes participar desses jogos, basicamente era Ipiranga, Santa Cruz e Simplício Mendes e muito raramente Inhuma, porque Inhuma existia uma certa rivalidade com os jovens de Inhuma e de Ipiranga que não se entendiam, não sei porque, os que iam de Ipiranga pra Inhuma ou de Inhuma pra Ipiranga sempre se desentendiam. (SILVA FILHO, 2015).

A primeira Semana da Juventude foi um marco na construção da identidade ipiranguense pelo evento ter sido tão bem aceito, tendo em vista à escassez de espaços de sociabilidade. A princípio o evento foi marcado com palestras educativas para a população durante o dia, a noite era realizado na praça apresentações de lezeiras, reizados, danças de roda como São Gonçalo, e no final da noite geralmente um artista

da terra animava a população com uma sanfona ou violão (REVISTA IPIRANGA, 2002).

A cidade de Ipiranga do Piauí por ser além de “Terra do Doce” como já falamos anteriormente, também conserva o título de “Terra do Artesanato”, pelo mesmo motivo do doce, o buritizeiro fornece também matéria prima para a confecção de inúmeras peças artesanais. Pensando neste potencial, a I Semana Cultural da Juventude começou com uma prática que se tornou símbolo do festejo: as barracas envolvendo a Praça Nossa Senhora da Conceição.

Na I Semana Cultural da Juventude houve apenas uma barraca que foi montada e administrada pelo grupo de jovens que se revezavam dia e noite. A barraca era abastecida com peças de artesanato da fibra do buriti, bordados e crochê. O dinheiro obtido com a venda dos produtos era revertido todo para a produção do festejo.



Figura 23: Primeira barraca da I Semana da Juventude Ipiranguense, em 1984.

Fonte: Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

Ainda com relação à organização da I Semana da Juventude a entrevistada Maria Helenita Leal Sousa relatou que:

Nós costumávamos nos reunir como já falei antes, acho que éramos dez ou doze pessoas ali na calçada de Expedita, era lá que eram nossas reuniões... então, a gente precisava dar um

nome ao evento que a gente ia organizar né... aí os meninos, acho que foi até Sili (Silvestre) disse que como não éramos universitários não podia chamar de semana universitária, foi aí que surgiu a ideia de chamar de “Semana da Juventude”, mais tarde agregamos Cultural no nome, porque a gente queria um evento que manifestasse a nossa cultura né... e o nome juventude não é se referindo só aos jovens não, é pra demonstrar que toda a população envolvida em uma causa se tornaria uma coisa só. Aí depois que a gente decidiu os dias, programação e nomes, foi a hora de ir atrás dos patrocínios. A gente buscou apoio na prefeitura da cidade e nas de outras cidades também, a gente teve o apoio de muitos setores da administração do município e até de secretarias estaduais... a mobilização foi intensa de todo o grupo né, a gente era um grupo bastante amigo, o que era até de se admirar porque era muita gente mais não tinha bagunça nem discordâncias né...[...] (SOUSA, 2015).

Como percebemos no decorrer da fala da senhora Maria Helenita Leal Sousa, até a escolha do nome do evento foi decidido em grupo. É importante ressaltar que este grupo ao qual nos referimos, trata-se de casais de namorados e amigos de infância, que geralmente só tinham a oportunidade de se reunirem no mês de julho que era o momento das férias. Alguns membros do grupo casaram-se e permanecem juntos até hoje, como é o caso do nosso depoente Françaú que contraiu matrimônio com a senhora Iolanda Sousa, que por motivos de saúde não foi consultada em entrevista. Outros membros, pelo fato de mais tarde a Prefeitura Municipal assumir o evento, foram se distanciando da causa, pois o que ficou evidenciado em algumas entrevistas foi que na opinião de alguns dos organizadores, antes a administração do município não dava o crédito devido ao evento, somente após notarem o quanto e com tamanha rapidez estava se desenvolvendo foi que a prefeitura resolveu intensificar a participação.



Figura 24: População participando das comemorações da III Semana da Juventude em 1986.
Fonte: Acervo Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

A partir do segundo ano de realização da Semana da Juventude, já podemos observar nos relatos dos depoentes as mudanças no cotidiano da população no mês de julho. Isto pode ser notado na imagem acima (figura 24) que mostra a população em momento de socialização na III Semana da Juventude.

No mês de julho a rotina da população ipiranguense era alterada, isso por conta, segundo o senhor Silvestre, de ser o mês das férias, mês das desmanchas¹⁴, nas casas de farinha, da moagem da cana de açúcar nos engenhos da cidade e nos seus povoados. Essas atividades agrícolas atraíam grande movimentação tanto nos engenhos e aviamentos da cidade, quanto dos povoados, mas, principalmente por ser também o período das festividades da Semana da Juventude.

Nós temos um clima sempre muito privilegiado em Ipiranga, aqui nessa época sempre foi muito frio, conhecida pelo mel, as frutas, a desmancha o doce a moagem, então as pessoas, vinha muita gente no mês de julho pra ir visitar os engenhos e os aviamentos daqui e os da Furta-lhe a Volta e do Brejo da Fortaleza, vinha todo mundo pra cá atraídos pelo clima, outros por causa do período da desmancha pra comer beiju feito ali com a goma fresca, eu mesmo comi muito lá na furta. Mais a partir da segunda Semana da Juventude a gente notou

¹⁴ As “desmanchas” é nome que se dá ao período de beneficiamento da mandioca nas casas de farinha, geralmente esta prática acontece no mês de julho.

que o povo já vinha mais por causa da festa né. A gente percebeu que tinha agrado o povo, vinha amigo pra se hospedar nas casas e passar logo a semana... e foi assim que começou a tomar fama a Semana da Juventude, aí os prefeitos já começaram a querer apoiar a gente, porque na primeira foi só nos que fizemos. (SANTOS, 2015).

Todos os entrevistados sempre que se solicitava comentar sobre as atividades que costumavam realizar na década de 1980 sempre remetiam grande parte de sua narrativa a Semana da Juventude, o que de certa forma nos levou a destinar a este evento um tópico desta produção histórica.

A historiadora Rinária Santana de Queiroz (2013) produziu uma pesquisa traçando a atuação dos jovens no festejo da Semana Cultural da Juventude. O estudo trata ainda da relevância cultural que o festejo trazia para a comunidade, apontando suas permanências e mudanças ao longo do tempo.

A partir da segunda edição do evento (em 1985) começaram a serem confeccionados os convites. Os primeiros foram produzidos a punho. Contudo, os convites sempre representavam algum elemento que remetesse a cultura local ou as características da cidade. A seguir (figura 25) reunimos todos os convites da década de 1980, que estão dispostos em ordem cronológica, onde podemos notar a presença forte de elementos representantes da cultura local como o esporte, o cultivo da cana-de-açúcar, os buritizais, os poetas e artistas da terra e o artesanato.

Sobre a significação dos convites da Semana da Juventude, a historiadora Rinária Santana de Queiroz destacou o fato de que,

É importante analisarmos os convites da Semana da Juventude, uma vez que, torna-se de fundamental importância observar como eles são representados e antes de tudo como são vistos pelos cidadãos da urbe. Observamos então que a primeira Semana Cultural não houve convite, apenas foi realizada uma entrevista divulgando sua criação. A partir de sua segunda edição (1985) mas, principalmente, nos dez primeiros anos foi possível visualizar em seus designers características peculiares da cidade – o buriti, a cana-de-açúcar, assim como o a imagem do principal público do evento: a juventude. Os primeiros convites desenhados manualmente representam as atividades a serem desenvolvidas durante a semana e os jovens como participantes da mesma. (QUEIROZ, 2013, p. 56).



Figura 25: Convites da Semana da Juventude Ipiranguense.
Fonte: Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

Podemos observar na imagem acima ilustrada, assim como destacou os estudos de Queiroz, que o primeiro convite que surgiu tem uma aparência bastante rústica, significando que foi visivelmente produzido manualmente, assim como o segundo. O que nos chama atenção nos dois primeiros convites é que de fato ambos estão nas entrelinhas convidando a juventude a construir o que seria o futuro, principalmente no segundo folder onde aparece a seguinte mensagem: “*rabiscando a juventude vai construindo o futuro*”. Ou seja, é através das ações praticadas pelos jovens que passou a se constituir o maior sinônimo de sociabilidade da cidade de Ipiranga do Piauí. No primeiro convite, aparentemente ainda estava mais voltado para as formas de sociabilidade conhecidas pela comunidade, que eram na época os quadrangulares de futebol e voleibol e as manifestações folclóricas.

O terceiro convite já aparece num tom mais formal, contudo, enaltecendo ainda mais a cultura local, traz em seu conteúdo a poesia de um artista da terra, o poeta e escritor Luís Lopes Sobrinho, que escreveu os seguintes versos que marcam até hoje a identidade ipiranguense:

MINHA TERRA
Nesta Terra pequena e abençoada,
Um poeta nasceu!

Se a Terra és tú, minha Ipiranga amada!
 O poeta... sou eu!
 Salve! Salve! Ipiranga!
 Ó minha Terra!
 É teu lema: - “Crescer Progredir”
 E os espinhos que o teu presente encerra
 Se cobrirão de rosas no porvir!¹⁵ (SOBRINHO, 1967)

O quinto convite acreditamos, pela imagem retratada, ser o que mais simboliza o evento como ponto máximo de sociabilidades entre todos. O convite traz como *desing* os elementos já mencionados como a palmeira e a cana-de-açúcar. Porém, traz no centro o que seriam pessoas se divertindo em uma grande festa. E, no rodapé do convite vem um pequeno trecho do hino municipal.

Os dois últimos convites tratados nesta produção enaltecem o artesanato local, mostrando tanto a mão de obra, como as matérias primas e os produtos confeccionados com a seguinte frase: “*A beleza e perfeição do nosso artesanato enriquece o nosso município*”.

Outro depoente e membro do grupo de voluntários da época, o senhor Silvestre José dos Santos, nos fez perceber, por meio do seu relato, o crescimento rápido do festejo. E, por este motivo, a Prefeitura Municipal passou a ter interesse direto de administrá-lo. A partir da 4ª Semana Cultural as mudanças foram enormes e sentidas por todo o grupo.

Até mais ou menos 1987 a semana era mais era com os grupos que se apresentavam que era a lezeira era o pastoril, quadrilhas e ficou assim até eu acho que 90 ou foi 91. Mais eu me recordo bem que até 88 aí de uma barraca passou para duas, mais ainda era totalmente organizada pelo grupos voluntários e a festa mesmo grande era só no sábado, se não me engano a partir da VI Semana da Juventude a prefeitura viu que o evento tava crescendo cada vez mais e gerando lucro para a cidade, aí eles quiseram tomar de conta né... aí foi aí que começou a vim banda grande... a partir da quarta vinha uma banda pra cada dois dias, a festa já começou a ficar maior, já começaram a vim muitas pessoas de outros locais pra cá, aí já ganhou uma proporção mais comercial, aí outras pessoas também já colocaram barracas, mas as barracas tinham que ser artesanais construídas com palha, como continuou até pouco tempo atrás, então começou a expandir, só que chegou um ponto em que a semana deixou de ser uma semana

¹⁵ Luiz Lopes Sobrinho (1905-1984) filho de Pedro Paulo, e sobrinho do padre Monsenhor Mateus, natural de Ipiranga. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1935 pela antiga Faculdade Federal de Direito do Piauí, pertenceu à Academia Piauiense de Letras. Foi juiz, Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí, professor, escritor e poeta. Sua poesia de mais destaque na cidade de Ipiranga é “Minha Terra” de 01 de outubro de 1967.

cultural, a parte cultural foi se acabando e ficando somente a parte comercial. (SANTOS, 2015).



Figura 26 e 27: Jornal de Picos noticiando a abertura da VI Semana da Juventude, em 1989.

Fonte: Acervo da Casa da Cultura Monsenhor Mateus.

No recorte do Jornal de Picos, ilustrado acima, evidenciamos a aproximação mais marcante da Prefeitura Municipal frente às festividades da Semana da Juventude. Porém, ainda não era algo assumido definitivamente. Além disso, há muitas controvérsias no que diz respeito a partir de que data o evento passou a ser responsabilidade da prefeitura. Algumas fontes orais como é o caso do senhor França relata que foi logo após a posse do então prefeito mencionado acima pelo jornal, Vicente de Moura Rabelo (1989-1992). Porém, outras fontes como os que apresentamos aqui (Jornal de Picos, Jornal da Manhã e O Dia) informaram que foi somente a partir da XI edição do festejo. Contudo, não foi nossa intenção fazermos uma discussão acerca da organização do evento, mas sim, relatar sua importante atuação no campo das múltiplas formas de se divertir e socializar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa produção histórica teve como propósito compreender como ocorreu o processo de povoamento e emancipação de Ipiranga do Piauí, traçando um breve panorama do antigo povoado Buriti até sua transição e promoção à cidade, identificando as principais formas de sociabilidades, analisando seus significados e a utilização da população dessas formas de diversão e convívio social disponíveis na época.

Sabemos que a partir do surgimento do povoado Buriti, as transformações urbanísticas e as múltiplas formas de enxergá-las, dos sujeitos históricos, deram forma e significados aos sentimentos, impressões e sociabilidades que se fizeram presentes na representação de Ipiranga do Piauí.

Dessa forma foi através do cruzamento das fontes orais com as análises dos documentos escritos que podemos ter a percepção de que durante o período de 1960 a 1989, a cidade de Ipiranga do Piauí, do ponto de vista urbanístico constituía-se como uma cidade que possuía ainda aspectos característicos rurais de uma pequena cidade em desenvolvimento, mas que também já apresentava alguns sinais de modernização – como a chegada da TV, BR, asfalto, prédios comerciais e públicos – ainda que de forma sutil.

Dessa forma, passamos a perceber uma cidade que, apesar de viver um momento de transição, conseguiu se afirmar em sua cultura e subjetividades, tornando-se “Terra do doce, do artesanato e da cultura”. No que se refere ao cotidiano dos moradores, passamos a observar que nesse período as praças reservavam um ambiente tranquilo, que possibilitava aos moradores diversas práticas, como sentar para namorar nos bancos à noite ou conversar com os vizinhos à tardinha, brincar nos espaços vazios e andar pelas pequenas passarelas com tranquilidade. Uma realidade que até hoje pode ser desfrutada por todos os que dela desejam, sendo possível ter saudade e ao mesmo tempo ter a cura para tal.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléia. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editora, 2003. Apud: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **História, Memória e Identidade na cidade de Timon na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), UFPI, 2007.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMINHA, João Borges. **Ipiranga do Piauí: Recordações da cidade e do campo: terra de Brejo e Buritizais**. Teresina: Gráfica do Povo/EDUFPI, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Michael de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol: tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Artes de fazer. In: **A invenção do cotidiano**/Michel de Certeau; 19. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 144.

_____. O bairro/ os fantasmas da cidade/ espaços privados. In: **A invenção do cotidiano: 2** Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 37-45; 189-207.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. 6. ed. São Paulo: perspectivas, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempos, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ESCRIBANO, Francesco. Descalço sobre a terra Vermelha. Tradução Carlos Moura. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. Editora Humanitas, 2006.

GUEDES, Geiciane Bezerra; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. De Buriti a Ipiranga: cotidiano e sociabilidades na cidade de Ipiranga do Piauí (década de 1980). In: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. (org.) **As cidades de Clio: abordagens históricas sobre o urbano**. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 87-100.

IBGE: **Cidade de Ipiranga**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php>. Acesso em 5 abr. 2013.

LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades: conversação com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 1998.

LEAL, Letícia Mendes. **De Buriti a Ipiranga: entre a cidade visível e a invisível (1956-1980)** / Letícia Mendes Leal. Picos: UFPI, 2013. (Monografia do curso de História da Universidade Federal do Piauí – UFPI/CSHNB)

MARX, Murilo. **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Nobel: EDUSP, 1991.

MORAIS, Eliane Rodrigues de. **De Papagaio a Francinópolis**. Teresina: EDUFPI, 2008.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca da cidade perdida. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides do Nascimento (org.). **Cidade, história e memória**. Teresina. EDUFPI, 2004.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny lima (orgs). **Cidade e memória**. Teresina. PI: EDUFIPI/ Imperatriz, MA: Ética, 2009.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. In: MORAIS, Eliane Rodrigues de. **De Papagaio a Francinópolis**. Teresina: EDUFPI, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 53 de Junho de 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 24 jan. 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus mesquita. Viver na província. Transformações. In: **Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo**. Teresina: FUNDAPI, 2006.

QUEIROZ, Rinária Santana de. **Semana Cultural da Juventude Ipiranguense (1984-1994): Espaço de sociabilidade onde atuam os jovens**. Picos: UFPI, 2013. (Monografia do curso de História da Universidade Federal do Piauí – UFPI/CSHNB)

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. Timon: uma cidade sob o reflexo do espelho. In: **História, memória e identidade na cidade de Timon na década de 1980**. Teresina: UFPI, 2007. (Dissertação – Mestrado em História do Brasil).

SILVA, Tonny César Barbosa da. **A Cidade de Dom Expedito Lopes: desenvolvimento urbano e social (1964 – 1980)**. Picos: UFPI, 2012. (Monografia do curso de História da Universidade Federal do Piauí – UFPI/CSHNB)

JORNAIS E REVISTAS

JORNAL DE PICOS, Ano VI nº 173, Picos Piauí 12,13 e 14/12/1987. S/N.87

NASCIMENTO, Luciano Barbosa do. 40 anos de crescimento. In: **Revista Ipiranga**, Ed.01. Picos: Artecom – Publicidades, dez. 2002.

SOARES, João Batista Fontes. Um pouco da história local. In: **Revista Origem**. De onde vem o nome do cantinho que eu moro? Ed.01. Picos: Gráfica Brito. nov. 2009.

SOARES. Lady Ana da Silva. 40 anos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Ipiranga do Piauí. In: **Revista Comemorativa**, Ed.01. Picos: Halley S.A., 2007. p.05.

SOBRINHO, Luiz Lopes. Minha Terra (Poema). 1967.

RUFINO, Olívia. Hino de Ipiranga escrito em 1987.

MANUSCRITOS

LIVRO DE ATAS das Posses Solenes dos Prefeitos de Ipiranga, 1962.

LIVRO BORRADOR: Registro das despesas da Prefeitura Municipal de Ipiranga, 1963.

FONTES ORAIS

RUFINO, Lucas Cortez. **Depoimento concedido a Geiciane Bezerra Guedes**. Ipiranga do Piauí, 28 mar. 2013.

RUFINO, Lucas Cortez. **Depoimento concedido a Geiciane Bezerra Guedes**. Ipiranga do Piauí, 21 mar. 2014.

SANTOS, Lucineide Avelino Leal. **Depoimento concedido a Geiciane Bezerra Guedes**. Ipiranga do Piauí, 27 jun. 2015.

SANTOS, Silvestre José dos. **Depoimento concedido a Geiciane Bezerra Guedes**. Ipiranga do Piauí, 27 jun. 2015.

SILVA FILHO, Francisco Vieira da. **Depoimento concedido a Geiciane Bezerra Guedes**. Ipiranga do Piauí, 05 jul. 2015.

SOARES, Maria da Conceição Alves. **Depoimento concedido a Geiciane Bezerra Guedes**. Ipiranga do Piauí. 27 jun. 2015.

SOUSA, Maria Helenita Leal. **Depoimento concedido a Geiciane Bezerra Guedes**. Ipiranga do Piauí, 29 jun. 2015.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, **GEICIANE BEZERRA GUEDES**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **MEMÓRIAS DO BURITI QUE ALVORECEU: Formação da cidade de Ipiranga do Piauí, cotidiano e sociabilidades (décadas de 1960 a 1980)** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 02 de julho de 2016.

Geiciane Bezerra Guedes
Assinatura